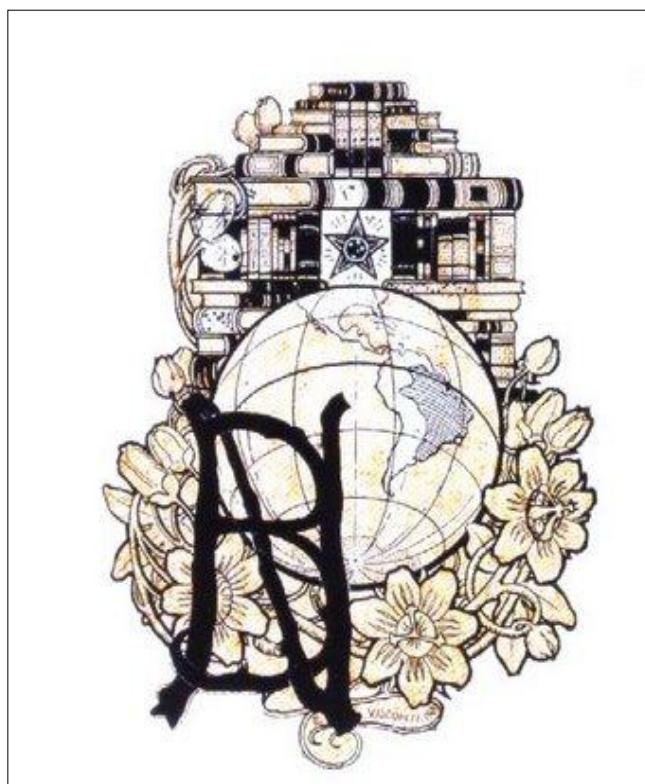


# Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

2011

# Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



**Bruno Martins Boto Leite**

*Medicina de Padre:*

*Estudo sobre os fundamentos culturais da medicina jesuítica no Brasil Colonial.*

## Introdução

Os avanços da medicina no Brasil no período colonial se deram de forma bastante precária. Desde a chegada dos portugueses, a presença de médicos formados nas universidades, de barbeiros e de boticários foi bastante incomum. Tinha-se a ideia de que o país era comparável a um paraíso terrestre e decorria disto a ideia de que esta terra estava imaculada e isenta de ser assolada por doenças.

Contudo, a experiência dos colonos portugueses no Brasil dissipou as ilusões da descoberta inicial. Um grande número de doenças, desde as individuais até as pestilenciais ou epidêmicas, grassaram pouco a pouco entre os nativos e os portugueses e escravos vindos de além mar. Em resposta a esses acontecimentos, o estado português proveu o Brasil com um importante cargo de *físico-mor*<sup>1</sup> e com alguns poucos barbeiros e boticários, claramente insuficientes à época para dar conta destes problemas na vasta extensão do país<sup>2</sup>.

Em vista desta situação, os jesuítas, desde sua chegada no Brasil em 1549 até a expulsão da ordem em 1759, atuaram como complemento a esse sistema sanitário ainda caduco. Foram eles responsáveis pelo sangramento (flebotomia) de vários doentes e pela produção de remédios em suas boticas construídas sempre em anexo aos seus colégios. A ação médica dos jesuítas sempre se deu nestas frentes: buscando prover os integrantes desta sociedade com a cura pela sangria (fazendo profissão de cirurgiões) e com a oferta de remédios produzidos em suas boticas (fazendo profissão de boticários). Interessava-nos saber de que tipo de cultura advinha esses saberes e, portanto, qual era a cultura médica dos padres da Companhia de Jesus da Província do Brasil.

Muito havia sido constatado, preliminarmente, acerca da função ocupada pelos jesuítas do Brasil nesse campo<sup>3</sup>. Faltava observar mais detalhadamente o sustento cultural empregado por aqueles intelectuais na prática de sua medicina. Observar em qual tipo específico de tradição cultural estavam inseridos e quais matrizes culturais davam sentido ao saber e à prática daqueles homens.

Qual era a medicina dos jesuítas? Era ela essencialmente europeia? Se sim, era ela uma medicina com grandes fundamentos teóricos, como aquelas das universidades, que nos

---

<sup>1</sup> Ainda pouquíssimo estudado por nossos historiadores, o ofício de Físico-mor é fartamente estudado no que concerne o contexto do século XIX. Os períodos anteriores carecem de estudos mais aprofundados. Sobre o ofício no século XIX no Brasil, cf. PIMENTA, Tânia Salgado. *Artes de curar – um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-mor no Brasil no começo do século XIX*. Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de Mestrado. 1997.

<sup>2</sup> Em uma nota, Serafim Leite diz que: *O primeiro médico régio do Brasil foi o Licenciado Jorge de Valadares, “físico e cirurgião”, cujo soldo, de 2\$000 reis por mês e 400 reis também mensais para sustento, começou a 1 de Maio de 1549 (Documentos históricos, Rio de Janeiro de 1937, XXXV, p. XXIII-XXIV). Sucedeu-lhe o Licenciado Jorge Fernandes, nomeado por D. João III, a 20 de Abril de 1553 com o ordenado annual de 60\$000 reis, e que faleceu em Junho de 1567 (Ib., XXXV, p. XXXIV, 184-186, 361). Também por este tempo, a 5 de Fevereiro de 1557, nomeou El-Rei cirurgião da Cidade da Baía, ao Bacharel Mestre “Afonso cirurgião, morador [não mor] na Cidade de Lisboa, filho de Álvaro Mendes morador em Portel”, e que chegou à Baía a 27 de Dezembro de 1557, Ib., XXXV, 418-420. Apud LEITE, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil*, Lisboa: Brotéria, 1953, nota 2, p. 85.*

<sup>3</sup> Cf. CALAINHO, Daniela Buono. *Os jesuítas e a medicina no Brasil colonial*. In: Tempo, n. 19, 2005, pp. 61-75; FLECK, Eliana Cristina D. *Sobre feitiços e ritos: enfermidade e cura nas reduções jesuítico-guaranis, século XVII*. In: Revista Topoi. Rio de Janeiro: 7 letras, vol. 6, n. 10, jan.-jun., 2005, pp. 71-98; GESTEIRA, Heloisa. *A cura do corpo e a conversão da alma – conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII*. In: Revista Topoi. Rio de Janeiro: 7 letras, vol. 5, n. 8, jan.-jun., 2004, pp. 70-91; LEITE, Serafim, *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil*, Lisboa: Brotéria, 1953; TEIXEIRA, Alessandra dos Santos. *A farmacopéia jesuítica na América Portuguesa entre os séculos XVII e início do XVIII*, dissertação de mestrado, UFRJ/IFCS, 2011.

permitisse pensar a cultura médica dos jesuítas com o uso das categorias culturais empregadas nos estudos de história da medicina? Categorias como *Medicina Arabigo-galênica*, *Humanismo médico* (*Galenismo humanista*), *Pneumatismo médico*, *Atomismo médico*, etc. Ou a *Medicina* dos jesuítas se igualava aquela dos oficiais mecânicos, onde as teorizações médicas não tinham um lugar tão predominante deixando amplo espaço para a cognição empírica?

Essas e outras perguntas compuseram a trama dos nossos interesses nessa pesquisa. Pretendíamos complementar os estudos já feitos em vista a compreensão da cultura médica em uso no período colonial brasileiro de modo geral e em especial da cultura médica dos padres da Companhia de Jesus.

Por conta disso, com base nesta lacuna, pretendemos neste trabalho observar, por meio do estudo das fontes jesuíticas da Biblioteca Nacional e de outros acervos, a natureza da cultura médica empregada pelos padres nas suas boticas e nas suas atividades como sangradores e boticários. Por *natureza*, designamos as *matrizes* culturais livrescas (ou teóricas) desses jesuítas ligados aos ofícios da saúde. O objetivo era o de entender com base em que tipo de obras médicas (ou teorias) os padres da Companhia de Jesus se apoiaram e, uma vez isso analisado, ver qual eram as características da *Medicina de Padre*.

Para isso, nos baseamos, inicialmente na leitura e análise de cartas, histórias e tratados jesuíticos presentes na BN de modo a obter disto uma *bibliografia médica jesuítica* que serviria de base para uma análise da tradição em questão. Essas obras médicas mencionadas e utilizadas pelos jesuítas, serão, posteriormente, elas também, por nós analisadas. Grande parte dessas obras acha-se no acervo da mesma biblioteca.

## **A Medicina na Época Moderna: antecedentes históricos & limites disciplinares e sociais.**

1. A alta cultura na época moderna – assim como aquela da época antiga e medieval – desenhava-se sobre os contornos das escolas filosóficas existentes. As *seitas* filosóficas condicionavam a criação de outras seitas análogas em outros campos do saber. Assim, na Antiguidade, no mundo pós hipocrático (do século II ao III), as escolas médicas eram condicionadas pelas abstrações filosóficas à mão: a *Escola Dogmática*, derivada da medicina de Herófilo, Erasítrato e Asclepiades possuía esse nome por ter em alta conta o conhecimento filosófico ou teórico e por basear o seu conhecimento médico em princípios claros oriundos da filosofia (dedução)<sup>4</sup>. Esta escola era marcada não por uma mas por várias tendências filosóficas: *Herófilo* baseava-se numa tradição filosófica mais heraclitiana e aristotélica, *Erasítrato* misturava uma compreensão pneumática do mundo, uma filosofia pneumática como aquela de Anaxímenes e de Diógenes de Apolónia, com uma visão atomista das coisas, como aquela de Demócrito e Epicuro, e *Asclepiades* fundamentava sua medicina essencialmente na tradição atomista.

Na época, a *Escola Empírica* se opunha aquela dos dogmáticos pelo fato dos integrantes desta escola acharem desnecessária a adoção da filosofia como base de seu pensamento. O

---

<sup>4</sup> A palavra *Dogma* em grego significa *Princípio*. Dogma podia referir-se à princípios de pensamento (teóricos) ou à princípios de fé. A palavra *Dogma* somente se tornou pejorativa quando os princípios de fé (cristã) passaram a ser definidos pelos concílios eclesiásticos e seu uso e adoção passaram a ser limitados por legislação. Vindo do alto, os cristãos não podiam adotar qualquer tipo de dogma pois fugir àquele proposto em Concílio era ser tido como herege e estar fora da Ortodoxia. Na época moderna, o costume da fé atingiu portanto o costume da inteligência e a palavra dogma começa a ser usada com mais frequência para os assuntos de fé. Contudo, a terminologia que aqui empregamos não tem esse lastro. Os médicos dogmáticos eram portanto aqueles que se serviam de princípios filosóficos ou teóricos (dedutivos) para construir seu pensamento médico.

pensamento dos integrantes desta escola acha-se bem exposto na obra *Antiga Medicina*<sup>5</sup> de autoria atribuída a Hipócrates<sup>6</sup>.

Com o passar do tempo, as dissidências da escola dogmática, que era assim chamada por seus opositores e não porque houvesse algum tipo de unidade cultural interna, derivaram em diversas escolas. Entre elas temos a *Escola Herofiliana*, baseada no pensamento de Herófilo e levada a termo pela ação intelectual de Pérgamo, Cláudio Galeno, a *Escola Erasistrateana*, baseada na junção filosófica operada por Erasítrato que se mantêm bastante fiel aos princípios pneumáticos, a *Escola Asclepidiana*, de Asclepiades de Bitínia, estruturada em torno da filosofia atomista. Esta última evoluiu através do discípulo daquele mestre, Themison de Laodicéia, numa escola ainda mais calcada no atomismo do que fora aquela de Asclepiades. Themison fundara a *Escola Metódica* ou o atomismo médico anos depois do advento destas primeiras escolas.

No século III, havia no mundo antigo três grandes escolas: a *Metódica*, como já dissemos, a *Pneumática* e aquela que estava sendo proposta por Cláudio Galeno. O médico de Pérgamo (atual Bergama na Turquia), na via de Aristóteles, construiu um projeto cultural cujo objetivo era aquele de reduzir e superar todo o conhecimento médico anterior a ele, exatamente como o Estagirita havia feito bem antes dele no campo da Filosofia.

O *Programa Cultural* de Galeno se fez essencialmente na oposição direta à escola dos Metódicos e a todo tipo de atomismo médico. Assim sendo, pelo vasto número de obras escritas e pelos argumentos contundentes que o médico turco lançou na cultura médica de sua época, seu pensamento perdurou por séculos sendo aquele que, definitivamente, dominou na cultura médica posterior – medieval e pré-humanista<sup>7</sup>.

O domínio do pensamento galênico, além disso, tornou hegemônica a importância do conhecimento filosófico para o conhecimento médico através dos argumentos presentes na obra *Que o médico excelente deve também ser filósofo*, onde o médico em questão argumentava ser condição *sine qua non* da formação do médico o aprendizado e o conhecimento da filosofia. Seus argumentos explícitos e seus exemplos implícitos colocaram a filosofia num lugar de destaque para o conhecimento médico.

---

<sup>5</sup> No *De antiqua medicina* temos o seguinte pensamento que define muito bem o comportamento dos integrantes da escola empírica: *Dizem certos filósofos que aqueles que não sabem o que é o Homem não seriam capazes de conhecer a medicina, e que portanto aquele que deseja curar corretamente os homens deve aprender o que seja tal coisa. Mas o seu discurso cai na filosofia, como aquele de Empédocles e outros que escreveram sobre a Natureza, descrevendo 'do princípio' o que é o Homem, como ele apareceu originariamente e de quais elementos é formado. De minha parte, eu penso que aquilo que foi dito e escrito sobre a natureza por filósofos e médicos é menos pertinente à medicina do que à pintura.* HIPÓCRATES. *Opere*. a cura di Mario Vegetti. Turim: Unione Tipografico-editrice torinese, 1965, pp. 154-156. [Tradução minha.]

<sup>6</sup> O personagem de Hipócrates apresenta os mesmos problemas daquele de Homero. A crítica não sabe ao certo se Hipócrates, como Homero, era um único indivíduo ou toda uma escola de pensamento composta por diversos indivíduos. É em vista da diversidade de sistemas e opiniões médicas contraditórias presentes nas obras hipocráticas que convencionou-se considerar Hipócrates como uma escola e não como um indivíduo. Esse é o fundamento da dita *Questão hipocrática*.

<sup>7</sup> Mais informações sobre essas escolas médicas e o *programa cultural* de Galeno ver: LEITE, Bruno Martins Boto. *Lire le livre du corps par le livre du monde – Essai sur la vie, philosophie et médecine de Estêvão Rodrigues de Castro (1559-1638)*. Tese de doutorado. Instituto Universitário Europeo. Fiesole: 2012, pp. 64-73; MONTARINO, Marzia (org.). Introdução da obra *Faculdades Naturais* de Galeno. In: “*Trattatisti Greci*”. Milão: Mondadori, 2008, pp. 401-453; TECUSAN, Manuela. *The fragments of the Methodists – Methodism outside Soranus*. 2 vols. Leiden: Brill, 2004; TEMKIM, Owsei. *Galenism – rise and decline of a medical philosophy*. Londres: Cornell University Press, 1973.

Ao longo da Idade Média, com a hegemonia da tradição cristã, as temáticas religiosas inundaram o terreno de reflexão da filosofia. Naqueles tempos era difícil pensar numa reflexão que não levasse em conta questões de natureza religiosa, visto que aquele mundo passara então a se organizar em torno da fé. Donde a reflexão teológica medieval, e talvez mesmo moderna, não pode ser pensada como coisa adversa à filosofia, ou mesmo diversa dela. A filosofia preocupada com a origem de Deus era então a mesma filosofia que pensava os princípios das coisas e que organizava todo o saber.

Mesmo naquelas épocas, o pensamento guardou uma certa pluralidade passível de ser observada na diacronia da história eclesiástica. Em linhas gerais, sabemos que a Teologia Patrística era fartamente influenciada pela filosofia platônica, neoplatônica e por aquela estoica, oriunda de uma evolução do pensamento pneumático em matéria de filosofia natural. Já a Teologia Escolástica teve ela também uma grande diversidade de matrizes, como a platônica, a aristotélica e a conciliação das duas vertentes. A vertente da Escolástica influenciada pelo pensamento de Aristóteles, a Escolástica de Tomás de Aquino, foi a filosofia – ou como querem muitos, a teologia – que influenciou o pensamento dos padres que aqui nos interessam, os Jesuítas. Donde nossa hipótese inicial é a de que os padres, como bons escolásticos, abraçaram uma teoria médica em acordo com a sua teologia: esta teoria seria aquela desenvolvida por Cláudio Galeno. Contudo, essa hipótese apresenta uma série de problemas na medida em que a teoria galênica, em muitos pontos, se opõe à filosofia de Aristóteles, base da teologia dos jesuítas.

2. No final da Idade Média e início da Idade Moderna, ainda estava em vigor no mundo ocidental a medicina de Cláudio Galeno sob a perspectiva atribuída a ela pela leitura dos árabes. Averróis, Avicena, Rhasis, assim como muitos outros intelectuais e médicos do mundo árabe, haviam lido a medicina do médico turco sem nenhum cuidado histórico ou filológico. A medicina galênica era reduzida a concepções filosóficas forjadas fora de seu contexto, o galenismo original, aquele de Galeno, era interpretado por lentes peripatéticas e neoplatônicas que alteravam seu significado original.

Como o Ocidente, desde a separação entre a Grécia e a Latinidade em 1054, não sabia mais ler o grego, o galenismo era difuso através das traduções das obras de Galeno e Hipócrates pelos árabes. Essas traduções, consideradas por muitos humanistas como descuidadas e parciais, traziam consigo a marca desta leitura. A medicina antiga que circulava dos árabes, que ainda sabiam ler e traduzir o grego, aos cristãos era na verdade uma medicina árabe, um Galeno e um Hipócrates reduzidos à interpretações anacrônicas. Esse *Galenismo árabe*, marcado pela preponderância da filosofia de Aristóteles e dos Neoplatônicos, era uma medicina aristotélica e neoplatônica antes de ser galênica – os árabes adaptaram a leitura de Galeno, não somente baseada em reflexões *a priori*, à leitura filosófica do Estagirita<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Um exemplo claro dessa adaptação é a questão do lugar da alma. A alma naquele período era o nome dado a muitas entidades relativas ao corpo e ao indivíduo: a alma era tida por princípio de movimento, era princípio de emoções e paixões e era também a inteligência de cada um, aquilo que atribuía a consciência e que podia ser pensado como coisa autônoma ao corpo físico e ser tida, portanto, como imortal. Em torno dessa questão, Aristóteles defendia que o lugar da alma seria o coração, era no peito que as emoções, as paixões e a inteligência residiam. A filosofia de Aristóteles abria muito espaço para se teorizar a alma como coisa independente do corpo, como esta vinha descrita na *Física*. Galeno, ao contrário, não definia com exatidão esse aspecto da alma e se perguntava muito veementemente sob o lugar preciso desta entidade. O médico de Pérgamo tinha a suspeita de que a alma, na verdade, residia na cabeça. Com base nessa suspeita, ele empreendeu um experimento simples: abriu um carneiro e amarrou os nervos oriundos do crânio de modo a observar se uma vez os nervos “amarrados” ou impedidos de circular o

Quase todo o final da Idade Média é marcado pela preponderância dessa corrente médica na tradição ocidental. A medicina *Arabigo-Galênica* reinava ao lado de certos esforços de medicina empírica e da medicina da escola de Salerno.

Com o surgimento de um método histórico-filológico aguçado pela ação dos humanistas italianos, surge um novo período da história da medicina. Essa busca, vivificada no interior de um movimento para aproximar mais uma vez as igrejas do oriente e do ocidente, há muito tempo divididas entre elas, traz de volta à cultura europeia a importância do estudo do grego. O *Humanismo médico* instaura uma nova forma de ler os textos do passado depurando-os das leituras e interpretações anacrônicas empreendidas até então pelos tradutores e comentadores árabes.

Diversos intelectuais empreenderam um intenso trabalho de busca pelos originais dos textos antigos, traduzindo e comentando essas obras *iuxta propria principia*. O Humanismo Médico, como o Humanismo em geral, constituiu-se em duas fases: a primeira delas é a fase da *contextualização histórica*, fase onde os textos antigos foram expurgados das leituras anacrônicas, lidos e estudados de modo a estabelecer certos cânones de cultura. A cultura clássica é contextualizada e incrustada no seu tempo. Nessa fase, muitos humanistas empreenderam importantes edições das obras de Hipócrates, como aquela de Fabio Calvi, e de Galeno, como aquela de Veneza feita e comentada por intelectuais do porte de Nicolau Leonicensio e Erasmo.

A segunda fase do humanismo se dá quando as traduções dos textos antigos, assim como seus comentários, já se encontram, de certa forma fixados, nesse momento os intelectuais cientes desse processo passam a perceber a sua situação histórica com distância daquela dos antigos. Nessa fase, a lição dos antigos transcende a análise puramente histórica e passa a um plano de ação destacado onde os Modernos buscam a sua autonomia face aos Antigos. Os *Modernos* não mais unicamente bebem da cultura dos *Antigos*, antes, eles vão *com ela* para além dela, eles inventam e aprimoram a sua própria cultura. É tempo de *Mimesis* e de superação. Esses processos, apesar de os termos classificados em duas fases distintas, ocorrem muitas vezes simultaneamente. É um processo que se inicia com o humanismo, mas a lição fica, para muitos, até o século XVIII em diante.

Ao lado dessas tradições, a medicina empírica sobreviveu ao tempo ao lado daqueles *médicos* do povo, oficiais mecânicos, barbeiros e boticários, menos autorizados pela formação em instituições importantes como as universidades. Esta vertente sobreviveu esquecida dos intelectuais até o século XVI<sup>9</sup>.

3. Depois da medicina arabigo-galênica e das expurgações humanistas dos textos médicos antigos, surgem as novidades. Surgem, por um lado, os Paracelsos e, por outro, os que revivem as tradições mais arcaicas postas na escuridão pelo tempo e pela ação de autores como Galeno. revivem-nas ou, melhor ainda, recriam-nas.

Voltam à luz do dia as antigas escolas *dogmática, empírica, herofiliana, metódica, pneumática, galênica*, entre outras. Os galenistas modernos são os Andrés Vesálios e os Williams Harveys, que, com o pé em pressupostos históricos mais firmes vão para além de seus mestres organizando a cultura como o próprio Galeno não havia conseguido fazer por falta de

---

animal manteria o controle das partes de seu corpo. O resultado deu provas ao médico para acreditar mais veementemente que o lugar da alma era a cabeça e não o coração como queria Aristóteles. Apesar das provas de Galeno para o sustento de tal tese, os galenistas árabes continuaram a acreditar ser o coração o lugar da alma.

<sup>9</sup> Cf. ROSSI, Paolo. *Os filósofos e as máquinas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

tempo e pouco saber acumulado. Mas os tempos eram outros, os modernos beneficiaram-se enormemente do saber dos antigos e sua superação constituía-se como uma continuidade daquela tradição antiga. Os metodistas modernos são intelectuais como Próspero Alpino, Marco Aurélio Severino, Robert Burton e o português Estêvão Rodrigues de Castro<sup>10</sup>. Os expoentes das outras escolas médicas recriadas na época moderna ainda esperam estudos mais aprofundados.

Ao lado disso, Paracelso inovava em Filosofia para inovar em Medicina. O médico suíço partia do historicismo humanista para ser menos historiador e mais filósofo, revigorando antigas concepções neoplatônicas e herméticas, muito controversas para os olhares mais ortodoxos da época, onde propunha toda uma nova medicina. Essa sua medicina, como a poesia do brasileiro Manuel de Barros, interessava-se pelas coisas *chãs*. Interessava-se pelo saber das bruxas, das curandeiras, dos cirurgiões, dos boticários, ou seja, por aquele saber empírico que até então não constava na preocupação dos grandes intelectuais oriundos de alta formação. Ele lançava mão daquelas filosofias para abrir os olhos para aquelas práticas.

É exatamente no período de Paracelso que o empirismo dos *miúdos* passa a ser abraçado pela vista dos *graúdos*. É exatamente nessa época que o barbeiro francês Ambrósio Paré, torna-se uma celebridade e escritor de tratados. É nesse tempo que o boticário português Garcia de Orta publica sua obra sobre os simples da Índia e que o boticário espanhol Nicolau Monardes publica a sua sobre os simples da América Espanhola, ambas as obras se tornarão *best-sellers* em seu tempo e muitos médicos do mundo, como Carlos Clúsio, verterão essas obras, em sua maioria escritas em língua vulgar, para a língua latina para que sejam apreendidas pelas mentes mais bem estudadas da Europa.

A *alta medicina*, ilhada nas torres de marfim que eram as universidades, passa, a partir do final do século XVI e início do XVII, a se interessar pela *baixa medicina*, ou seja, aquela medicina levada a termo pelos oficiais mecânicos (trabalhadores manuais de outrora organizados em corporações de ofício). Nesse importante processo intelectual, a figura de Amato Lusitano teve um lugar ímpar, pois foi ele quem, no conhecimento dos simples, deu primeiro lugar ao empirismo das boticas em detrimento do saber dos livros dos antigos<sup>11</sup>.

A curiosidade gerada pelo humanismo com o outro do passado passa a se apresentar de outra forma, a curiosidade no século XVI também situa-se com o outro do presente, seja o outro mais próximo, o saber da *arraia-miúda*, seja o outro mais distante, o saber dos povos não europeus que foram sendo encontrados com a expansão do ultramar.

Assim sendo, o século XVI e o XVII são tempos de novidade e diversidade. O saber do alto incorpora o saber de baixo, seja ele nativo ou exótico. Isso contudo, sem nunca deixar de lado a importância que a Filosofia tinha para a medicina, sem deixar de lado a organização de toda essa diversidade em termos de unidade e sistema filosóficos.

4. Contudo, ao lado da história intelectual da medicina europeia houve uma base social onde essa cultura foi plasmada na vida dos grupos humanos na sociedade. Essa pequena história das tradições médicas que aqui narramos representa a tradição de grupos muito específicos da sociedade europeia, aqui denominados de *Intelectuais*.

---

<sup>10</sup> Conferir o estudo mais detalhado sobre esse autor: LEITE, Bruno Martins Boto. *Lire le livre du corps par le livre du monde – Essai sur la vie, philosophie et médecine de Estêvão Rodrigues de Castro (1559-1638)*. Tese de doutorado. Instituto Universitário Europeo. Fiesole: 2012.

<sup>11</sup> Sobre essa questão cf. LEITE, Bruno Martins Boto. *Entre bibliotecas e boticas: A controvérsia dos simples entre Amato Lusitano e Pietro Andrea Mattioli, século XVI*. In: “Di buon affetto e commercio. Relações luso-italianas na Idade Moderna”. Lisboa: CHAM, 2012, pp. 113-142.



Esses intelectuais situavam-se, em sua maioria, em ambientes cortesãos e instituições de alta cultura, como as universidades. Salvo algumas exceções, como era o caso dos humanistas, a medicina teórica advinha especialmente desses ambientes. Entretanto, não permanecia necessariamente encastelada nesses lugares.

Na época medieval e moderna, o sistema sanitário das cidades europeias era bastante modelar. As universidades formavam os médicos teóricos que eram capazes de estudar a medicina com base na tradição clássica, sendo assim, por isso, altamente formados em filosofia, línguas e humanidades. Esses médicos, depois de formados, lecionavam nas universidades, tornavam-se médicos pessoais de grandes figuras, como reis, papas e outras figuras da nobreza, e de importantes instituições, como a Inquisição, que contava com seu corpo de médicos, e os concílios, e dirigiam e organizavam o sistema sanitário das cidades. Essa *direção* se dava a partir de duas instituições muito específicas, a saber, o *Colégio dos Médicos* e o *Protomedicado*.

O *Colégio dos Médicos* era um órgão responsável pela regulação da prática médica nas cidades. Este *Colégio* instituía as leis do sistema sanitário, regulava a atividade dos barbeiros e boticários, normatizando a formação necessária e as provas obrigatórias para que esses oficiais obtivessem sua licença de trabalho, – aqueles que trabalhavam sem a licença eram perseguidos e penalizados – e organizava as cidades e os cidadãos nos momentos de surgimento de epidemias. Esse *Colégio* exercia um enorme peso normatizador nas sociedades urbanas europeias<sup>12</sup>.

O *Protomedicado* era, por outro lado, uma função atribuída à certos médicos que tinham a função de regular, em cada cidade, o modo como os remédios eram feitos nas boticas. Eram eles que normatizavam o processo específico empregado na produção de determinados medicamentos assim como os seus ingredientes. Um belo exemplo de *Protomedico* foi aquele do naturalista Ulisse Aldrovandi que fora protomédico da cidade de Bolonha e ali instituiu que não se usassem víboras fêmeas na produção da *triaga*, importante remédio usado na época para muitos males<sup>13</sup>.

Do outro lado deste sistema, estavam os *médicos subalternos* – que aqui designaremos por sua nomenclatura específica de *barbeiros* e *boticários*. Ao contrário dos médicos universitários, estes *populares* praticavam todas aquelas atividades que faziam recurso ao “uso das mãos”. Eram, na verdade, aquilo que se convencionou chamar à época de *oficiais mecânicos*. Esses dois tipos profissionais estavam representados nas corporações de ofício das cidades, como era o caso da corporação da *Arte dei Medici e Speziali* de Florença.

Os *barbeiros* ou *cirurgiões* tinham a incumbência de *sangrar* os doentes, cortar as partes gangrenadas, arrancar os dentes e, quando necessário, cortar os cabelos. Donde o nome *Barbeiro* permaneceu até hoje para designar aqueles que cortam os cabelos. Eram eles que, nas aulas de anatomia, cortavam os cadáveres para que os alunos, sentados à distância, pudessem contemplar as explicações anatômicas de Galeno em base a um recurso concreto. Eram eles que sangravam a população pobre e adoentada. Os barbeiros possuíam um conhecimento rudimentar da anatomia humana e do lugar preciso onde deviam talhar as sangrias. Sua formação se dava junto aos mestres nas oficinas e na prática diária do trabalho manual.

---

<sup>12</sup> Sobre o *Colégio dos Médicos*: ANDRETTA, Elisa. *Roma medica. Anatomie d'un système médical au XVIe siècle*. Roma: École Française de Rome, 2011; PALMER, Richard. *Physicians and the state in post-medieval Italy*. In: “The town and the state Physician in Europe from the Middle Ages to the Enlightenment”. Hamburgo: Herzog August Bibliothek, 1981, pp. 47-61.

<sup>13</sup> Sobre o *Protomedicado*: OLMI, Giuseppe. *Farmacopea antica e medicina moderna – La disputa sulla Teriaca nel Cinquecento bolognese*. In: “Physis – Rivista internazionale di storia della scienza. XIX. 1977, pp. 197-247; Idem, *Il farmaco principe: la Teriaca*. In: “Il farmaco nei tempi – antichi farmachi”. Parma: Farmitalia Carlo Erba, 1990.

Os *boticários*, por outro lado, eram incumbidos de produzir os remédios em suas boticas. Eles é que as vezes cultivavam os simples ou senão eram eles que os coletavam *in natura*. Eram eles que produziam, nas boticas, com suas próprias mãos, as *mezinhas* usadas para a cura das doenças nas cidades. Os boticários possuíam o conhecimento das plantas, animais e minerais usados nos ingredientes dos remédios.

Entre os *Médicos*, os *Barbeiros* e os *Boticários* havia um enorme fosso social. Os primeiros advinham, em sua maioria, de classes mais abastadas e trabalhavam para o bem e saúde das classes mais abastadas, tendo também uma função de homologação das práticas médicas nas cidades junto aos governos. Os outros dois advinham essencialmente das classes subalternas. A cultura médico-teórica a que fizemos referência no ponto 1 era privilégio, na grande maioria das vezes, do grupo dos *Médicos*, ao passo que a cultura de *Barbeiros* e *Boticários* era essencialmente aquela que pendia mais para um certo tipo de Empirismo prático. As grandes matrizes teóricas não podiam, com muita precisão, serem analisadas na cultura desses grupos subalternos.

Nessa grande pluralidade, social e cultural, que se constituiu a cultura da época moderna, onde a medicina não se deixava menos diversificar do que os outros campos do saber, qual era a posição dos jesuítas? Bebiam eles da tradição dos *Médicos* ou da tradição de *Barbeiros* e *Boticários*? Se eles bebiam da tradição dos médicos, ficavam eles sempre ligados à antiga tradição arabigo-galênica ou se deixavam tocar pelas inovações humanistas e modernas? Se não, que tipo de tradição e literatura utilizavam para empreender esses ofícios oriundos dos oficiais mecânicos europeus?

## **A cultura da Companhia de Jesus e a Medicina**

1. A Companhia de Jesus surge no cenário europeu no contexto de uma grande crise da cristandade. Seu fundador, o militar Inácio de Loyola, é quem lança os primeiros fundamentos de sua existência e organiza a sua cultura com base na tradição lançada pela teologia de Tomás de Aquino. É amplamente noto que a tradição filosófica na qual estavam inseridos os intelectuais da Companhia de Jesus era a escolástica aquiniana revitalizada no pensamento de Francisco Suarez, Pedro da Fonseca, Luís de Molina, Francisco de Toledo e outros. Essa Teologia bebia na filosofia aristotélica os princípios de sua ossatura.

Contudo, na unidade sempre há dissensão e a Companhia de Jesus, apesar de ser tratada por muito autores com um bloco unitário, sempre apresentou vozes dissonantes. Vozes como aquela do padre Athanasius Kircher e seu partido cultural, com uma proposta filosófica alicerçada sobre fundamentos neoplatônicos e agostinianos, contrariando a estrutura clássica aristotélico-tomista adotada pelos jesuítas<sup>14</sup>.

Assim sendo, ainda que a orientação filosófica dos jesuítas se desse em torno da Escolástica Aquiniana, havia amplo espaço de subversão. Contudo, o que nos interessa aqui é saber qual era a natureza da medicina empregada pelos jesuítas e essas tradições teóricas da Companhia de Jesus são facilmente identificáveis pelo estudo de sua tradição filosófico-teológica. No caso da medicina de modo geral, a coisa se apresenta de forma um pouco diferente.

Isto porque, aos jesuítas, como a todas as ordens religiosas, não era permitido o estudo da Medicina. Eles não podiam nem estudar a disciplina nas universidades nem muito menos praticar

---

<sup>14</sup> Sobre isso ver: CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *L'harmonie du monde au XVI siècle – Essai sur la pensée d'Athanasius Kircher*. Tese de Doutorado. Paris IV. Paris: 1995.

aqueles ofícios manuais, como a sangria, empreendidos pelos barbeiros. Mas, se assim era, como os padres da Companhia praticaram, no Brasil, sangrias e produziram remédios em suas boticas? Para melhor compreender a posição dos jesuítas em relação à medicina, temos antes que analisar, em maior profundidade, a história das proibições à prática da medicina imputadas à ordem.

2. Desde a Idade Média até o período Moderno, todos os padres das ordens regulares não tinham a permissão de estudar nas universidades nem o Direito Civil nem a Medicina. Isto porque, em tempos passados, muitos padres se aproveitavam de sua formação nessas disciplinas para fazer *ganho temporal* em detrimento do compromisso de suas regras. Assim, no *Segundo Concílio de Latrão* (1139), foi decretado, para todas as ordens regulares, que não se pudesse estudar essas disciplinas para evitar que os padres enveredassem por essa via secular. Eis o decreto:

*9. Prava autem consuetudo, prout accepimus, et detestabilis inolevit, quoniam monachi et regulares canonici post susceptum habitum et possessionem factam, sprete beatorum magistrorum Benedicti et Augustini regula, leges temporales et medicinam gratia lucri temporalis addiscunt. Avaritiae namque flammis accensi, se patronos causarum faciunt et, cum psalmodiae et hymnis vacare debeant, gloriosae vocis confisi munimine, allegationum suarum varietate, justum et injustum, fas nefasque confundunt. Attestantur vero imperiales constitutiones, absurdum, imo et opprobrium esse clericis, si peritos se velint disceptationum esse forensium. Hujusmodi temeratores graviter feriendos apostolica auctoritate decernimus. Ipsi quoque, neglecta animarum cura, ordinis sui propositum nullatenus attendentes, pro detestanda pecunia sanitatem pollicentes, humanorum curatores se faciunt corporum. Cumque impudicus oculus, impudici cordis sit nuntius: illa, de quibus loqui erubescit honestas, non debet religio pertractare. Ut ergo ordo monasticus et canonicus Deo placens in sancto proposito inviolabiliter conservetur: ne hoc ulterius praesumatur apostolica auctoritate interdicimus. Episcopi autem, abbates, et priores, tantae enormitati consentientes et non corrigentes, propriis honoribus spolientur, et ab ecclesiae liminibus arceantur.*<sup>15</sup>

Essa regra imposta aos padres regulares desde 1139 estendia-se também aos padres da Companhia de Jesus. Nas suas Constituições, a proibição acerca do estudo do direito civil e da medicina subjazia na questão de saber se os padres podiam ou não professar essas disciplinas em suas escolas<sup>16</sup>. Isto fazia com que os padres não somente não pudessem aprender a medicina nas universidades como também não pudessem nem professá-la, já que não tinham conhecimento para tal, e muito menos praticá-la.

---

<sup>15</sup> O decreto afirma, grosso modo, o que já dissemos: que é vetado aos regulares o estudo do direito civil e da medicina de modo a impedir que esses padres busquem o ganho secular em detrimento do espiritual. Apud HEFELE, Charles-Joseph, *Histoire des Conciles d'après les documents originaux*, Tomo V, parte I, Paris: Letouzey et Ané, Éditeurs, 1912, p. 727. Hefele sintetiza o cânone desta maneira: *Les moines et les chanoines réguliers ne doivent étudier ni la jurisprudence ni la médecine; il leur est interdit d'en faire usage.*

<sup>16</sup> Como era dito nas suas Constituições: *Os estudos de medicina e direito, como mais alheios ao nosso Instituto, não se farão nas universidades da Companhia, ou pelos menos esta não os assumirá diretamente.* [Negrito nosso] IGLESIAS, Manuel E. (org.), *Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares*, São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 141 [cap. XII, ponto 4, 452].

É por isso que quando os jesuítas passaram a dirigir os colégios e as universidades em Portugal, especialmente aquele das Artes e aquela de Coimbra, eles ficaram distantes da organização dos estudos médicos. A jurisdição dos jesuítas não tocava a faculdade de Medicina de Coimbra. Além disso, quando os jesuítas fundaram a Universidade de Évora, as únicas disciplinas ensinadas eram o Direito Canônico e a Teologia<sup>17</sup>.

Contudo, essas não eram as únicas proibições lançadas sobre os membros da ordem. O padre Serafim Leite, na sua obra *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil*, afirmava o seguinte:

*Como se sabe, uma das irregularidades canônicas para a admissão às ordens sacerdotais, ou para o seu exercício, é o homicídio involuntário. Inclui-se nesta irregularidade o uso da medicina e da cirurgia, “se dela resulta a morte”. Tratando-se de médicos de profissão, estes casos fatais são contingências da arte, sem outras consequências. No sacerdócio, traz a suspensão ipso-facto. Daqui a ser a sangria uma fonte de escrúpulos para a gente de fé. A-fim-de se atalharem, proibiu-se<sup>18</sup>.*

Leite afirmava que, além da proibição de estudar Medicina, – a qual ele não menciona com detalhes – os regulares eram impedidos de praticar atividades que pudessem conduzir, ainda que involuntariamente, um homem à morte. Dentre estas atividades, a cirurgia ocupava um lugar de destaque. Isto porque a prática da flebotomia, ou da sangria, muito comum entre os profissionais destas áreas, muitas vezes resultava na morte do paciente. Estas restrições custavam muitas vezes, caso não fossem cumpridas, a expulsão da ordem.

Contudo, quando os jesuítas aportaram nestas terras, constataram, como já dissemos, a grande escassez de profissionais da saúde. Os poucos médicos, barbeiros e boticários aqui residentes punha aos jesuítas a necessidade de se envolverem nesses ofícios da saúde. Por isso, como nos relata Serafim Leite, pediram ao geral da ordem em Roma que repensasse os limites das imposições ali propostas. O padre geral refez a regra no sentido de permitir, somente aos *Irmãos Coadjuutores*, que praticassem essas atividades letais. Segundo Serafim Leite:

*Todavia nisto como em muitas outras matérias, o Brasil necessitava de uma legislação especial. Os padres recorreram, portanto, a Roma, para que se levantasse a proibição, ainda que fosse com dispensa do papa. Por um lado, não se via inconveniente em que esse mister fosse desempenhado pelos irmãos coadjutores leigos; por outro, a sangria, então em voga, parecia necessária em certos casos urgentes, numa terra onde não havia “físicos nem barbeiros”, e, quando houvesse, não se podia contar com eles nas aldeias. Diante de tais motivos, respondeu o P. Geral afirmativamente, dizendo que os irmãos coadjutores temporais, não sendo sacerdotes nem se destinando a esse estado, ficava afastada a hipótese de irregularidades canônicas. Recomendava, contudo, que só se usassem em caso de verdadeira urgência, e o irmão, encarregado de a*

---

<sup>17</sup> Cf. BRANDÃO, Mário. *A inquisição e os professores do Colégio das Artes*. 2 vols. Coimbra: Universidade, 1948; LEITE, Bruno Martins Boto. *Lire le livre du corps par le livre du monde – Essai sur la vie, philosophie et médecine de Estêvão Rodrigues de Castro (1559-1638)*. Tese de doutorado. Instituto Universitário Europeo. Fiesole: 2012.

<sup>18</sup> LEITE, Serafim, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, tomo II, p. 573.

*fazer, fosse experimentado e apto. Acima do preceito eclesiástico, positivo, colocava-se o “preceito natural da caridade”*<sup>19</sup>.

Assim sendo, os padres da Companhia conseguiram flexibilizar as suas regras no que toca o exercício da medicina permitindo *somente* aos *Irmãos Coadjuutores*, leigos e espirituais<sup>20</sup>, a prática daquelas atividades. O estudo da Medicina nas universidades continuou proibido aos padres, eles somente puderam se servir daquelas práticas e daqueles saberes que eram empregados pelos oficiais mecânicos na Europa das cidades. Ou seja, a medicina dos jesuítas não era a Alta Medicina dos *médicos*, mas sim a Baixa Medicina dos *barbeiros* e *boticários*. Isso contudo não era tão claro naquele momento em que um dos elementos que conduziu a cultura da época à dita *Revolução Científica* foi exatamente a valorização da cultura dos oficiais mecânicos como uma forma legítima de saber.<sup>21</sup>

Mas qual era a diferença, no interior da ordem, entre um *Irmão Coadjutor* e um *Sacerdote* ou *Padre* propriamente dito?

3. O que diferia um *Irmão Coadjutor* de um *Padre* ou *Sacerdote* no interior da Companhia de Jesus? O título de *Irmão coadjutor* no interior da ordem se referia à hierarquia existente entre os seus integrantes. Os coadjutores (temporais e espirituais) eram aqueles que possuíam somente os três votos obrigatórios da ordem, ou seja, o voto de pobreza, o voto de castidade e o voto de obediência às constituições e superiores da Companhia. Os padres eram aqueles que possuíam todos os votos, ou seja os três já mencionados mais o voto de obediência ao Papa.

Os padres ocupavam-se somente dos ofícios religiosos, ao passo que eram os coadjutores os que se ocupavam dos ofícios temporais. Na perspectiva caridosa da Companhia de Jesus, os coadjutores deveriam levar a termo aqueles trabalhos manuais, humilhantes, que faziam claramente parte da formação do noviço, como era o caso dos ofícios da cirurgia e da farmácia, mas não só. Serafim Leite, na obra *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil* elenca diversos ofícios manuais, como aqueles das corporações de ofício, empreendidos pelos irmãos da ordem. Esses ofícios eram os de *Construção* (arquitetos, mestres de obras, pedreiros, canteiros, marmoreiros, carpinteiros, entalhadores, embutidores, marceneiros, tanoeiros, torneiros, serradores, construtores navais, ferreiros, serralheiros, fundidores e oleiros), os *Artísticos* (escultores, estatuários, pintores, douradores, cantores, músicos, regentes de coro, oleiros e barristas), os *Manufatureiros* (alfaiates, bordadores, sapateiros e tecelões), os de *Administração* (administradores de engenhos e fazendas, pastores, agricultores, procuradores, pescadores, etc) e os de *Saúde* que aqui nos interessam<sup>22</sup>. Como esses irmãos, os irmãos que se ocupavam da

---

<sup>19</sup> Idem. A história dessas negociações dos padres com os gerais da ordem, e dos gerais com o Papa, pela flexibilização das normas envolvendo o estudo e a prática da medicina pelos padres da Companhia de Jesus ainda não foi feita. Paulo de Assunção já fazia menção a um momento dessas negociações quando falava da polícia do Geral Everardo Mercuriano, que, no ano de 1567, conquista para os padres da ordem a *faculdade de praticar a medicina, exceto a cirurgia*. ASSUNÇÃO, Paulo de. *Negócios jesuíticos*. São Paulo: Edusp, 2004, p. 49, n. 42. A dificuldade de se estudar o tema em questão advém do fato de que a quase totalidade dos documentos e fontes para este estudo encontram-se nos arquivos romanos.

<sup>20</sup> Serafim Leite, na nota que citamos no corpo do texto, afirma que somente os coadjutores *leigos* podiam empreender esses ofícios, o que é equivocado pois temos diversos exemplos de irmãos coadjutores espirituais, como o irmão José de Anchieta, que empreenderam fartamente essas práticas.

<sup>21</sup> ROSSI, Paulo. *Os filósofos e as máquinas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>22</sup> Essa organização dos ofícios aqui empregada é aquela proposta por Serafim Leite na obra em questão.

cirurgia e das boticas, na verdade, empreendiam um ofício manual, como aquele das classes subalternas da Europa. Eles lidavam portanto com o saber médico seguindo o ponto de vista dos subalternos. A tradição em questão abraçada pelos jesuítas era aquela popular que era ensinada oralmente, sem recurso aos livros, pelo exemplo das práticas, nas oficinas, nos laboratórios e nas boticas dos mestres populares europeus.

Ainda que a formação dos jesuítas não fosse aquela das classes subalternas, pois eles estudavam em profundidade as humanidades, as línguas e a filosofia, seu saber médico era equivalente ao daqueles grupos. Sua Alta Cultura não servia o estudo e aprofundamento da Medicina, servia, antes de mais nada, ao estudo e aprimoramento do conhecimento teológico. Não podemos esquecer que os jesuítas eram padres.

A medicina jesuítica no Brasil, a *Medicina de Padre*, era, portanto, na verdade, uma *Cirurgia* e uma *Farmácia* feita por *Irmãos coadjutores*. Disciplinas que passavam a ser tidas como dignas pelos intelectuais da época e cujo conteúdo começava a ser difundido também através de obras literárias, na sua grande maioria escritas em língua vulgar. O caráter da medicina dos jesuítas era portanto igualado àquele das corporações de ofício europeias, sua tradição teórica era fraquíssima, o que não pode ser dito da prática, sendo o pensamento empírico o pressuposto intelectual que guiava esses profissionais. Dito isto, não podemos classificar os jesuítas naquelas tradições teóricas de alta cultura médica que estavam sendo debatidas na Europa, ainda que esses debates situados no *alto* tenham tido uma enorme importância para a *Baixa Cultura* das classes subalternas.

E é por isso, que quando o P. Serafim Leite trata da questão, ele elenca os jesuítas envolvidos com a profissão médica somente em dois grupos específicos: aquele dos *Irmãos Farmacêuticos* ou *Boticários*, denominados *Pharmacopolae* nos catálogos da Companhia, e aquele dos *Irmãos Enfermeiros*, que nós preferimos denominar aqui de *Barbeiros*. Dentre os boticários da Companhia de Jesus temos Manuel Tristão, o primeiro boticário do Colégio da Bahia, André da Costa, de Lyon, inventor de variações farmacológicas baseadas em uma cultura médica influenciada pela emergência da *iatroquímica*, José de Passos, nascido em Olinda e muitos outros. Dentre os Enfermeiros temos Gregório Serrão, José de Anchieta, sangrador de Índios e colonos, o próprio Manuel Tristão<sup>23</sup> e muitos outros<sup>24</sup>.

Assim sendo, os jesuítas do Brasil possuíam o seu exército de *Barbeiros* e *Boticários* mas não contavam com nenhum médico formado em universidade. Seu conhecimento filosófico e manual não lhes dava um conhecimento aprofundado do corpo humano e nem da natureza das doenças, coisas tão importantes à prática médica. Acontecia de um outro padre ter começado um curso de medicina na Europa antes de entrar para a ordem, mas a coisa não era frequente. O que em geral ocorria era que os padres contratassem médicos externos para permanecerem nos colégios, sendo remunerados pela ordem<sup>25</sup>. Serafim Leite fala de irmãos que antes de entrarem na

---

<sup>23</sup> Essa categoria de *Irmãos Enfermeiros* foi proposta por Serafim Leite mas apresenta certos problemas na medida em que muitas vezes os irmãos boticários empreendiam, eles também, o ofício dos sangradores e vice-versa.

<sup>24</sup> As listas dos Irmãos boticários e barbeiros se acham em LEITE, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil*, Lisboa: Brotéria, 1953, pp. 96-100.

<sup>25</sup> *Os médicos dos Colégios eram profissionais externos, que prestavam serviços clínicos ou por amizade ou mediante remuneração. Um ou outro foi estrangeiro, como o Dr. Júlio Mário, médico francês, falecido no Recife em 1685, que deixou um legado ao Colégio, e o Dr. Francisco Poflitz, médico do Colégio do Pará em 1692. A maior parte eram portugueses e dum ou outro se conserva alguma referência nos documentos da época. O Dr. Manuel Mendes Monforte, natural de Castelo Branco, chegou à Baía a 26 de Abril de 1698, com 32 anos de idade, foi chamado ao Colégio em Junho a visitar Religiosos doentes, e ficou depois “médico estipendiado”; e ainda o era em*

ordem haviam feito formação em medicina, como o irmão Giambattista Giacopuzzi, mas ele não apresenta nenhuma prova formal de que esses poucos personagens haviam de fato obtido uma formação médica em alguma universidade.

## Boticas jesuíticas do Brasil

Desde o início da chegada dos jesuítas ao Brasil, estes constituíram “boticas” em seus aldeamentos, nas fazendas por eles administradas e ao lado de seus colégios. Essas boticas foram criadas da necessidade de produzir os medicamentos *in loco*. Mas, como diz Serafim Leite, *A princípio esses medicamentos vinham do Reino já preparados. Mas as piratarias do século XVI e as dificuldades da navegação impediam com frequência a vinda dos navios de Portugal, e era preciso reservar grandes provisões*<sup>26</sup>.

A necessidade local de grandes provisões de remédios e a escassez de ingredientes extraídos da natureza europeia levou os jesuítas, por um lado, a criarem essas oficinas de produção de medicamentos e, por outro, a explorarem os recursos da fauna e flora locais de mais fácil acesso. Ainda que houvessem outras boticas no Brasil além daquelas dos jesuítas<sup>27</sup>, as farmácias dos padres tiveram uma importância nada secundária na distribuição dos medicamentos entre os integrantes da sociedade colonial.

As boticas situavam-se ao lado do edifício dos colégios. A descrição geral de uma botica jesuíta, segundo o padre historiador, era a seguinte: *a Botica era constituída por uma sala e uma oficina; a loja ou farmácia propriamente dita, onde estavam os remédios à disposição do público, presidida por uma imagem, que habitualmente era a de Nossa Senhora da Saúde; e a oficina ou laboratório, onde se fabricavam os medicamentos*<sup>28</sup>.

A Botica da Bahia era ampla, ao rés do chão (*Terreiro de Jesus*), no lugar precisamente onde é hoje a entrada para a Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia<sup>29</sup>. A Botica do Colégio de São Paulo seguia-se à Igreja, à Biblioteca e ao salão de atos ou *Aula Magna*. A Botica do Colégio do Maranhão era dotada de fartos instrumentos de dissolução ou resolução substancial. No inventário de 1760, dizia-se haver nela, além dos instrumentos clássicos de produção de medicamentos seguindo o método galênico, fornalhas, alambiques, almofarizes e outros instrumentos bastante familiares aos laboratórios de química ou alquimia daquela época<sup>30</sup>.

---

1712. Outro médico do mesmo Colégio da Baía, Dr. Manuel Nunes Leal tornou-se benemérito, e tinha na Igreja lugar reservado para a sepultura, como ele próprio escreve ao P. Geral, rogando-lhe houvesse por bem estender a mesma graça à sua mulher e filhos. E assim em cada Colégio havia o seu médico permanente, que, se no século XVI ainda eram poucos, desde o século XVII não faltaram no Brasil. LEITE, op.cit., pp. 84-85.

<sup>26</sup> LEITE, Serafim, op.cit., pp. 85-86.

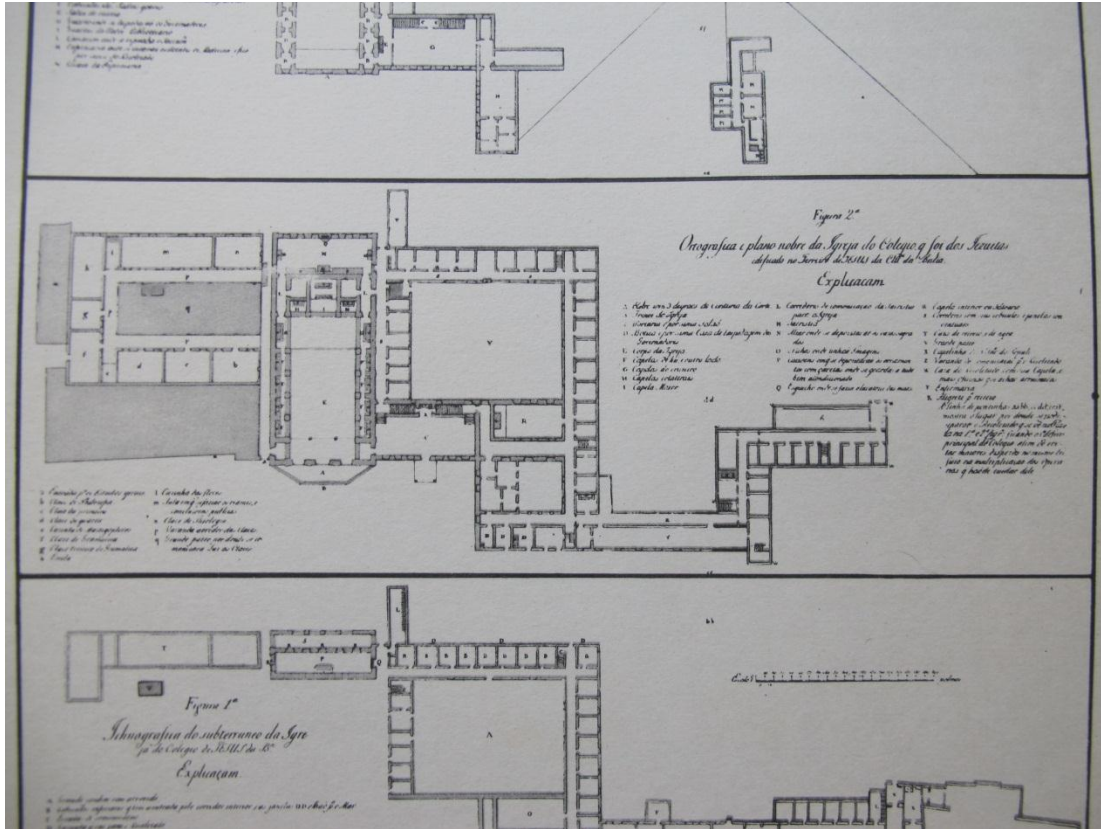
<sup>27</sup> Diz Serafim Leite que *Já existiam outras Boticas no Brasil, quando se publicou o Regimento dos Boticários e de Arte Pharmaceutica de 16 de Março de 1744, transcrito por Brás do Amaral em Inácio Accioli, Memórias históricas e políticas da Bahia, II (Baía, 1919) 390-399. E se não chegaram antes com os Donatários, os Boticários vieram com o governador Tomé de Sousa em 1549: Alvará régio mandando pagar a Diogo de Castro, boticário, que ia com Tomé de Sousa, 15\$000 reis de ordenado em cada ano. A.H.U., Conselho Ultramarino, cód. 112 (=Registros, I) f. 172v. Apud Idem, p. 94. Uma história aprofundada do sistema sanitário colonial, de suas boticas e agentes, ainda está por ser feita. O mesmo pode ser dito das boticas dos jesuítas do Brasil.*

<sup>28</sup> Idem, p. 92.

<sup>29</sup> Idem, pp. 91-92.

<sup>30</sup> O inventário de 1760 dizia que *Tinha mais [de] 400 [vasos], todos com remédios necessários para aquela terra, os quais importariam 400\$000 reis*. Perto da Botica situava-se o depósito e a oficina ou laboratório. E aqui havia

Eis abaixo a planta do Colégio da Bahia com a Botica situada no Terreiro de Jesus:



Planta da parte baixa do Colégio dos Jesuítas da Bahia. Apud FERREZ, Gilberto. *As cidades do Salvador e Rio de Janeiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: IHGB, 1963, p. 17. A botica encontra-se no local referido por Serafim Leite e indicada pela letra D.

Além dessas boticas clássicas, os jesuítas possuíam também certas adaptações adequadas às necessidades missionárias, como era o caso da *Botica do Mar* do Colégio do Maranhão. Esta Botica consistia num barco cuja função era a de prover as populações ribeirinhas com medicamentos<sup>31</sup>.

As boticas eram lugares de saber farmacológico (ou melhor, farmacognóstico) onde além da produção de remédios, produzia-se também um saber novo aplicando as antigas formas europeias de pensar a natureza e seus usos à flora e fauna do Brasil.

### Hospitais jesuíticos

três fornalhas, uma estufa com os trastes seguintes: hum alambique de cobre estanhado, dois alambiques de barro vidrado, 5 tachos de arame, um almofariz de 2 arrobas com sua mão de ferro, e outro de 12 libras com sua mão, mais ainda 2 pequenos; tinha mais 4 almofarizes de mármore com mãos de pau, mais 2 de marfim pequenos, 6 tamizes com suas tampas de couro, 4 sedaços. § Tinha mais 2 almarios grandes e hum bufete grande com 4 gavetas; 2 pares de balanças pequenas; mais duas que eram ordinárias, uma de arame, outra de folha. Havia mais na Botica huma imagem da Senhora com sua coroa de prata e com seu Menino que tinha resplendor de prata. Tinha mais 30 tomos de Medicina e Botica, um candieiro de arame, 6 espatulas de arame, huma imprensa, 2 bacias de arame, 2 escumadeiras de arame. Ficou mais em casa do cirurgião Manuel de Sousa 30\$000 reis em remédios, 5 tomos de Medicina, um alambique de cobre estanhado, 2 alambiques de barro vidrado. Apud Idem, p. 92.

<sup>31</sup> Idem, p. 94.



Ao contrário da Farmácia Jesuítica, a cirurgia e a cura Jesuítica não possuía um lugar de práticas específico, ainda que muitas vezes alguns colégios possuíssem pequenas enfermarias próprias. As curas eram feitas nos aldeamentos, nas fazendas, nas vilas e cidades e nos Colégios que a Companhia dispunha em todo o território brasileiro.

Como vemos das cartas jesuíticas, os padres sangravam os índios também em seus terreiros. Levavam consigo a sua arte e aplicavam-na onde fosse necessário. Contudo, nos momentos de maior gravidade, os colégios serviram muitas vezes como hospitais e enfermarias.

### **Livros de Medicina nas Bibliotecas dos Colégios jesuítas do Brasil**

Em nossa pesquisa, propomos de elencar as leituras médicas dos jesuítas com base em listagens de livros de suas bibliotecas e menções em cartas e documentos presentes na Biblioteca Nacional. Das leituras das cartas, livros e listagens de bibliotecas pudemos traçar um quadro ou *Bibliotheca* (no sentido de conjunto de obras<sup>32</sup>) *medica* dos jesuítas do Brasil. Contudo, antes de lançar esse quadro, iremos, passo a passo, mostrar o processo de nossa pesquisa e a origem de onde retiramos nossas informações.

No trabalho inicial de leitura das *cartas jesuíticas* de diversos autores como Manuel da Nóbrega, Azpilcueta Navarro e José de Anchieta, não fomos capazes de encontrar nenhuma menção direta às fontes bibliográficas referentes ao saber médico. Contudo, nas descrições da natureza dos padres da Companhia, notamos um estilo descritivo muito parecido com aquele empregado pelos naturalistas antigos e em especial por Plínio o velho, donde inferimos que este autor tivesse sido empregado pelos padres. As *Histórias Naturais* de Plínio achavam-se presente em grande parte das bibliotecas dos colégios jesuítas do Brasil.

Outrossim, estava implícito nessas cartas, como naquela de Cardim se apresentava explicitamente, o conhecimento das obras de Nicolau Monardes e daquela importante obra hipocrática sobre a ação dos climas na compleição dos indivíduos, o *Tratado dos ares, águas e lugares*.

Além das cartas, fomos capazes de extrair um grande número de referências médicas – em especial cirúrgico-farmacêuticas – de outras fontes disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional e em outros acervos como o arquivo do Ministério da Fazenda e o Arquivo Histórico do IHGB. Destes documentos, estabelecemos a seguinte lista de obras médicas à disposição dos jesuítas no Brasil Colonial:

Referência (obras de medicina citadas em):

Bibliografia que se pressupõe haver sido lida pelos jesuítas pelas notícias médicas que aparecem nas cartas de Anchieta, Nóbrega e outros e indicações em outros documentos:

- PLÍNIO o velho. *Naturalis Historiae libri XXXVII*. Paris: Apud Franc. Muguet, 1685. (Localização: BN-OR: 170, 2, 1-5)
- HIPÓCRATES, *De aeribus, aquis et locis*, [In: *Hippocratis Coi Opera quae extant Graece et Latine, Veterum codicum collatione restituta, Novo ordine in quattuor classes digesta, Interpretationis latina emendatione, & scholijs illustrata, à Hieron. Mercuriali Foroliviensi*, Veneza, Industria ac sumptibus Iuntarum, 1588. (Localização BN-OR: 122, 5,

<sup>32</sup> Termo em que diversos autores se basearam para fazer as diversas *Bibliothecas* nos séculos XVII, XVIII e XIX.

9)]

- MONARDES, Nicolau, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que sirven en Medicina*, Sevilha, En casa de Alonso Escrivano, 1574. (Localização BN-OR: 42, 2, 15)

CARDIM, Fernão, *Tratados da terra e gente do Brasil*, Rio de Janeiro, J. Leite e cia., 1925 (edição feita em base a um manuscrito redigido entre 1583 e 1601) [BN-OR: 106, 1, 25]:

- HIPÓCRATES, *De aeribus, aquis et locis*, [In: *Hippocratis Coi Opera quae extant Graece et Latine, Veterum codicum collatione restituta, Novo ordine in quattuor classes digesta, Interpretationis latina emendatione, & scholijs illustrata, à Hieron. Mercuriali Foroliviensi*, Veneza, Industria ac sumptibus Iuntarum, 1588. (Localização BN-OR: 122, 5, 9)]
- MONARDES, Nicolau, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que sirven en Medicina*, Sevilha, En casa de Alonso Escrivano, 1574. (Localização BN-OR: 42, 2, 15)

VASCONCELLOS, Simão de, *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil: e do que obrarao seus filhos nesta parte do novo mundo: e algumas noticias antecedentes curiosas*, Henr. Valente de Oliveira, 1663 [Utilizamos a edição de 1864. BN-OR: 45, 2, 6]:

- CLUSIO, Carlos, *Rariorum plantarum historia*, Antuérpia, 1601.
- NIEREMBERG, Juan Eusebio, *Historia naturae, maxime peregrinae, libris xvi distincta*, Antuérpia, ex officina plantiniana Balthasaris Moreti, 1635.
- \_\_\_\_\_, *Curiosa y oculta filosofia. Primera y segunda parte de las maravillas de la naturaleza*, Madrid, Imp. Real, 1643. (Localização BN-OR: 188, 2, 14)
- OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandes de, *Summario de la generale historia de l'Indie Occidentali cavato da libri scritti dal Signor Don Pietro Martyre del consiglio delle Indie*, Veneza, 1534. (Localização BN-OR: 119, 2, 15)
- PISO, Guilherme, *Historia Naturalis Brasiliae*, Holanda, apud F. Hackium et Amstelodami, apud L. Elzevirium, 1648. (Localização BN-OR: OR 00268 [2])
- MONARDES, Nicolau, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que sirven en Medicina*, Sevilha, En casa de Alonso Escrivano, 1574. (Localização BN-OR: 42, 2, 15)

*Collecção de várias receitas e segredos particulares das principaes boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macao e do Brazil*. Roma: 1766 (manuscrito). [ARSI Opp. NN. 17.]

- D'AMATO, Cinzio. *Prattica nuova, et utilissima di tutto quello, ch'al diligente barbiero s'appartiene*. Veneza: Giovanni Battista Brigna, 1669.
- MIRANDA, João Cardoso de. *Relação cirurgica, e medica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbútica, ou mal de Loanda, e todos seus productos*. Lisboa: na officina de Manuel Soares, 1741.
- MUSITANO, Carlo. *Opera medica chymico-practica, seu trutina medico-chymica, in 3 partes divisa*. Coloniae Allobrogum: sumptibus Chouet, G. de Tournes, Cramer, Perachon, Ritter, et S. de Tournes, 1701.
- MYNSICHT, Adrian von. *Thesaurus et armamentarium medico-chymicum: in quo selectissimorum contra quosis morbos pharmacorum*. Genebra: apud Fratres de Tournes, 1697.
- SARMENTO, Jacob de Castro. *Materia medica physico-historico-mechanica, Reyno*

*Mineral: parte I: a que se juntam os principaes remedios do presente estado da materia medica.* Londres: s.n., 1735.

- SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chemicas, repartidas em tres tratados.* Lisboa: Miguel Deslandes, 1697. (Localização BN-OR: 22, 6, 12)
- \_\_\_\_\_, *Observaçoes médicas doutrinaes de cem casos gravissimos, que em serviço da patria, & das nações estranhas escreve em lingua portugueza, & latina Joam Curvo Semmedo,* Lisboa, na officina de Antonio Pedrozo Galram, 1707. (Localização BN-OR: 22, 6, 13)
- \_\_\_\_\_, *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte; fortificada e guarnecida com tantos defensores, quantos são os remédios, que no discurso de cincoenta & oyto annos experimentou João Curvo Semmedo,* Lisboa Occidental, na officina Ferreyrenciana, 1720. (Localização BN-OR: 21, 4bis, 4)

Biblioteca da fazenda de Campos dos Goytacazes (Rio de Janeiro) [in: *Documentos manuscritos relativos a fazenda de Campos dos Goytacazes*, presente no Arquivo Histórico do Ministério da Fazenda. Apud TEIXEIRA, Alessandra dos Santos. *A farmacopéia jesuítica na América Portuguesa entre os séculos XVII e início do XVIII.* Tese de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ-IFCS, 2011.]:

- LAGUNA, Andrés de, *Dioscorides Anazarbeo, a cerca de la matéria medicinal y de los venenos mortíferos*, Valencia, en la imprenta de Vicente Cabrera, 1677. (Localização BN-OR: 217, 1, 9)
- PLÍNIO o Velho, *Historiae naturalis libri XXXVII*, Veneza, per Melchior Sessam, 1513. (Localização BN-OR: 206, 2, 3)
- SANTO ANTÓNIO, D. Caetano de, *Pharmacopea lusitana, methodo practico de preparar os medicamentos na forma galenica com todas as receitas mais usuas*, Coimbra, por João Antunes, 1704. (Localização BN-OR: 28, 6, 17)
- SEMEDO, João Curvo, *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chemicas, repartidas em tres tratados*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1697. (Localização BN-OR: 22, 6, 12)
- \_\_\_\_\_, *Observaçoes médicas doutrinaes de cem casos gravissimos, que em serviço da patria, & das nações estranhas escreve em lingua portugueza, & latina Joam Curvo Semmedo,* Lisboa, na officina de Antonio Pedrozo Galram, 1707. (Localização BN-OR: 22, 6, 13)
- \_\_\_\_\_, *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte; fortificada e guarnecida com tantos defensores, quantos são os remédios, que no discurso de cincoenta & oyto annos experimentou João Curvo Semmedo,* Lisboa Occidental, na officina Ferreyrenciana, 1720. (Localização BN-OR: 21, 4bis, 4)

Biblioteca da Casa da Vigia (Pará) [Apud LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil.* Tomo IV. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945, pp. 399-410. Documento original: ARSI, *Inventarium Maragnonense, Bras.* 28, 18v-23.]:

- *Botica de Nossa Senhora da Lapa* (provavelmente um manuscrito)
- SEMEDO, João Curvo, *Observaçoes médicas doutrinaes de cem casos gravissimos, que em serviço da patria, & das nações estranhas escreve em lingua portugueza, & latina Joam Curvo Semmedo,* Lisboa, na officina de Antonio Pedrozo Galram, 1707. (Localização BN-OR: 22, 6, 13)
- FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral dividido em doze tratados.* Lisboa Occidental: Na officina de Miguel Rodrigues, 1735. (Localização: BN-OR: OR 00058)
- FERREYRA, Antonio. *Luz verdadeira, e recopilado exame de toda a cirurgia.* Lisboa:

Domingos Carneiro, 1670. (Localização: BN-OR: 178, 04, 04)

- *Luz da Medicina*. (provavelmente um manuscrito)
- NIEREMBERG, Juan Eusebio, *Historia naturae, maxime peregrinae, libris xvi distincta*, Antuérpia, ex officina plantiniana Balthasar Moreti, 1635.
- \_\_\_\_\_, *Curiosa y oculta filosofia. Primera y segunda parte de las maravillas de la naturaleza*, Madrid, Imp. Real, 1643. (Localização BN-OR: 188, 2, 14)
- SANTO ANTÓNIO, D. Caetano de, *Pharmacopea lusitana, methodo practico de preparar os medicamentos na forma galenica com todas as receitas mais usuas*, Coimbra, por João Antunes, 1704. (Localização BN-OR: 28, 6, 17)
- ROMÁN de CORDOBA, Alonso. *Recopilación de toda la theorica y practica de Cirurgia*. Zaragoza: Herd. De Diego Dormer, 1654. (Localização: BN-OR: 105, 1, 14)
- SEMEDO, João Curvo, *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chemicis, repartidas em tres tratados*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1697. (Localização BN-OR: 22, 6, 12)
- \_\_\_\_\_, *Observações médicas doutrinaes de cem casos gravissimos, que em serviço da patria, & das nações estranhas escreve em lingua portugueza, & latina Joam Curvo Semmedo*, Lisboa, na officina de Antonio Pedrozo Galram, 1707. (Localização BN-OR: 22, 6, 13)
- \_\_\_\_\_, *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte; fortificada e guarnecida com tantos defensores, quantos são os remédios, que no discurso de cincoenta & oyto annos experimentou João Curvo Semmedo*, Lisboa Occidental, na officina Ferreyrenciana, 1720. (Localização BN-OR: 21, 4bis, 4)

Biblioteca do Colégio do Rio de Janeiro<sup>33</sup> [Apud *Auto de inventário e avaliação dos livros achados no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro e sequestrados em 1775* (manuscrito). In: LEITE, Serafim, *História da Companhia de Jesus no Brasil*. tomo VI. Rio de Janeiro: 1945, p. 26. Documento original: Arquivo histórico do IHGB: L. 58 – D. 8.]:

- PLÍNIO o velho. *Historiae Naturalis libri XXXVII*. 2 vols. Paris: Impensis Societatis, 1741.
- NIEREMBERG, Juan Eusebio, *Historia naturae, maxime peregrinae, libris xvi distincta*, Antuérpia, ex officina plantiniana Balthasar Moreti, 1635.
- \_\_\_\_\_, *Curiosa y oculta filosofia. Primera y segunda parte de las maravillas de la naturaleza*, Madrid, Imp. Real, 1643. (Localização BN-OR: 188, 2, 14)
- ZACCHIA, Paolo. *Il vitto quaresimale*. Roma: Pietro Antonio Facciotti, 1637. (Localização: BN-OR: 141, 03, 15)
- \_\_\_\_\_. *De mali hiponchondriaci, libri tre*. Roma: Vitale Mascardi, 1644. (Localização: BN-OR: 057G, 02, 03)

Estes livros contidos na listagem podem facilmente ser divididos, segundo os ofícios adotados pelos jesuítas, em *livros de cirurgia* e *livros de botica*, como propusemos na organização a seguir:

Livraria jesuítica de Cirurgia:

- D'AMATO, Cinzio. *Prattica nuova, et utilissima di tutto quello, ch'al diligente barbiero s'appartiene*. Veneza: Giovanni Battista Brigna, 1669.

<sup>33</sup> No curso desta pesquisa, fomos capazes de encontrar um pedaço importante da biblioteca jesuítica do Morro do Castelo. Distó, fizemos um inventário que será brevemente publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional*.

- FERREYRA, Antonio. *Luz verdadeira, e recopilado exame de toda a cirurgia*. Lisboa: Domingos Carneiro, 1670. (Localização: BN-OR: 178, 04, 04)
- ROMÁN de CORDOBA, Alonso. *Recopilación de toda la theorica y pratica de Cirurgia*. Zaragoza: Herd. De Diego Dormer, 1654. (Localização: BN-OR: 105, 1, 14)

Livraria jesuítica de Farmácia e História Natural:

- *Botica de Nossa Senhora da Lapa* (provavelmente um manuscrito)
- CLUSIO, Carlos, *Rariorum plantarum historia*, Antuérpia, 1601.
- FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral dividido em doze tratados*. Lisboa Ocidental: Na officina de Miguel Rodrigues, 1735. (Localização: BN-OR: OR 00058)
- LAGUNA, Andrés de, *Dioscorides Anazarbeo, a cerca de la matéria medicinal y de los venenos mortíferos*, Valencia, en la imprenta de Vicente Cabrera, 1677. (Localização BN-OR: 217, 1, 9)
- MIRANDA, João Cardoso de. *Relação cirurgica, e medica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbutica, ou mal de Loanda, e todos seus productos*. Lisboa: na officina de Manuel Soares, 1741.
- MONARDES, Nicolau, *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que sirven en Medicina*, Sevilha, En casa de Alonso Escrivano, 1574. (Localização BN-OR: 42, 2, 15)
- MUSITANO, Carlo. *Opera medica chymico-practica, seu trutina medico-chymica, in 3 partes divisa*. Coloniae Allobrogum: sumptibus Chouet, G. de Tournes, Cramer, Perachon, Ritter, et S. de Tournes, 1701.
- MYNSICHT, Adrian von. *Thesaurus et armamentarium medico-chymicum: in quo selectissimorum contra quosis morbos pharmacorum*. Genebra: apud Fratres de Tournes, 1697.
- NIEREMBERG, Juan Eusebio, *Historia naturae, maxime peregrinae, libris xvi distincta*, Antuérpia, ex officina plantiniana Balthasaris Moreti, 1635.
- \_\_\_\_\_, *Curiosa y oculta filosofia. Primera y segunda parte de las maravillas de la naturaleza*, Madrid, Imp. Real, 1643. (Localização BN-OR: 188, 2, 14)
- OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandes de, *Summario de la generale historia de l'Indie Occidentali cavato da libri scritti dal Signor Don Pietro Martyre del consiglio delle Indie*, Veneza, 1534. (Localização BN-OR: 119, 2, 15)
- PISO, Guilherme, *Historia Naturalis Brasiliae*, Holanda, apud F. Hackium et Amstelodami, apud L. Elzevirium, 1648. (Localização BN-OR: OR 00268 [2])
- PLÍNIO o Velho, *Historiae naturalis libri XXXVII*, Veneza, per Melchiorem Sessam, 1513. (Localização BN-OR: 206, 2, 3)
- PLÍNIO o velho. *Naturalis Historiae libri XXXVII*. Paris: Apud Franc. Muguet, 1685. (Localização: BN-OR: 170, 2, 1-5]
- SANTO ANTÓNIO, D. Caetano de, *Pharmacopea lusitana, methodo practico de preparar os medicamentos na forma galenica com todas as receitas mais usuaes*, Coimbra, por João Antunes, 1704. (Localização BN-OR: 28, 6, 17)
- SARMENTO, Jacob de Castro. *Materia medica physico-historico-mechanica, Reyno Mineral: parte I: a que se juntam os principaes remedios do presente estado da materia medica*. Londres: s.n., 1735.
- SEMEDO, João Curvo, *Polyanthea medicinal. Noticias galenicas, e chymicas, repartidas em tres tratados*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1697. (Localização BN-OR: 22, 6, 12)
- \_\_\_\_\_, *Observações médicas doutrinaes de cem casos gravissimos, que em serviço da patria, & das nações estranhas escreve em lingua portugueza, & latina Joam Curvo Semmedo*, Lisboa, na officina de Antonio Pedrozo Galram, 1707. (Localização BN-OR: 22, 6, 13)
- \_\_\_\_\_, *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte; fortificada e guarnecida*

*com tantos defensores, quantos são os remédios, que no discurso de cinquenta & oytto annos experimentou João Curvo Semmedo, Lisboa Occidental, na officina Ferreyrenciana, 1720. (Localização BN-OR: 21, 4bis, 4)*

Outros (livros teóricos e de medicina, alguns aplicados a questões religiosas, como o de Paolo Zacchia)

- *Luz da Medicina.* (provavelmente um manuscrito)
- HIPÓCRATES, *De aeribus, aquis et locis*, [In: *Hippocratis Coi Opera quae extant Graece et Latine, Veterum codicum collatione restituta, Novo ordine in quattuor classes digesta, Interpretationis latina emendatione, & scholijs illustrata, à Hieron. Mercuriali Foroliviensi*, Veneza, Industria ac sumptibus Iuntarum, 1588. (Localização BN-OR: 122, 5, 9)]
- ZACCHIA, Paolo. *Il vitto quaresimale*. Roma: Pietro Antonio Facciotti, 1637. (Localização: BN-OR: 141, 03, 15)
- \_\_\_\_\_ . *De mali hiponchondriaci, libri tre*. Roma: Vitale Mascardi, 1644. (Localização: BN-OR: 057G, 02, 03)

A presença destas obras referentes especificamente àquelas práticas e a ausência de importantes obras de referência para a alta cultura médica, como as obras de Galeno, de Hipócrates, de Avicena e outros, nas referências culturais e nas bibliotecas dos jesuítas nos faz ver, reiterando o que já dissemos, que a *Medicina de Padre* era na verdade um *Ofício manual dos Irmãos*, um saber baseado mais na prática cotidiana do que no estudo de obras médicas de grande profundidade teórica. Com base nessas obras, salvo pouquíssimas exceções, não podemos contemplar o tipo de orientação teórica empregada pelos jesuítas no campo da medicina. Na verdade, isso não parece ter sido uma questão para eles.

Os jesuítas não tinham um profundo conhecimento da anatomia humana, sua fisiologia e das doenças que assolavam os homens. Seu saber era, como aquele dos subalternos europeus, mais aplicado, prático e empírico.

Assim sendo, podemos portanto, para concluir nossa análise, observar como era a *cirurgia* e a *farmácia* dos padres da Companhia desde a sua vinda ao Brasil até a sua expulsão em 1759. Para isso, organizaremos nossa análise em dois períodos evidentes da história da cirurgia e da farmácia dos jesuítas no Brasil: o primeiro deles vai desde a chegada dos padres ao Brasil até finais do século XVI. O segundo período vai do século XVII até o século XVIII, mais especificamente até 1759 quando da expulsão dos jesuítas do Brasil.

## **Medicina de Padre I (século XVI): *Ofício de Albeitar***

### **Cirurgia**

Quando os primeiros jesuítas aportaram no Brasil, na esquadra de Tomé de Sousa, eles tiveram que lidar com a grande escassez de cirurgiões, boticários e médicos. De acordo com os limites que a regra os impunha na prática das atividades médicas, os *irmãos coadjutores*, que, segundo a tradição da ordem deviam empreender ofícios manuais, puseram-se a praticar aquilo que Anchieta chamou de *Ofícios de albeitar*.

Nas cartas dos primeiros jesuítas do Brasil, e em especial aquelas de José de Anchieta, é possível ver claramente e em detalhes as práticas da sangria empreendidas pelos jesuítas principalmente nos indígenas atingidos por doenças epidêmicas. Numa destas cartas, o padre em

questão definiu a prática e ofício da sangria sob o termo de *albeitar*, o que fazia referência à uma atividade mais baixa da profissão médica que era empreendida pelos padres. O termo *albeitar* é hoje usado pelos castelhanos para designar a profissão do veterinário. Eis o trecho em questão:

*Neste tempo que estive em Piratininga servi de **albeitar** algum tempo, isto é, de médico daqueles índios, e isto foi sucedendo ao irmão Gregório, o qual, por mandado do P. Nóbrega, **sangrou** alguns índios sem nunca o ter feito senão então<sup>34</sup>.*

O irmão Anchieta, como coadjutor, assim como, depois dele, o irmão Gregório Serrão (ambos listados por Serafim Leite como enfermeiros), praticavam, com frequência, nos doentes a sangria. A sangria (ou *sanguinis missionem* em latim) era uma prática em acordo com a teoria da *Discrasia* humoral. Segundo os antigos, como muitos sabem, o corpo era constituído por um conjunto de fluídos corporais também chamados de *humores*. Esses humores estavam no corpo em quantidades homogêneas uns em relação aos demais. Segundo a teoria clássica, Galênico-hipocrática, quando um desses humores se concentrava em maior quantidade em relação aos demais ele gerava distúrbios morbosos no corpo. Era pela concentração de humores que o ocidente, antigo, medieval e moderno, concebeu a natureza de muitas doenças.

Assim sendo, a medicina arcaica – aquela conhecida e empregada desde a Antiguidade e mantida até finais do século XVIII – percebia a saúde como equilíbrio e a doença como destempero. E a melhor forma de reestabelecer o equilíbrio dos fluídos corporais, segundo essa tradição, era a de verter o excesso da substância nociva através de sangrias, laxativos e purgantes. A sangria era tida como o remédio mais eficaz para o reestabelecimento da saúde. Essa prática era empreendida por muitos irmãos coadjutores da ordem no Brasil.

Como já dissemos antes, esses ofícios eram empreendidos unicamente pelos irmãos coadjutores, temporais e espirituais, da ordem e nunca pelos padres que, esses sim, estavam estritamente sujeitos às regras da Companhia. Como é atestado neste outro trecho:

*maximè em Piratininga, em que os Irmãos são médicos espirituais e corporais, e tudo pende deles, onde não havia casa sem doentes, e em algumas havia três e quatro, de maneira que bem se havia mister, dia e parte da noite, para **sangrar**, curar, e confessar, e pela mesma diligência que os Irmãos nisso punham<sup>35</sup>*

Os irmãos coadjutores, espirituais ou temporais, cortavam as carnes de muitos com suas lancetas e tesouras de modo a deixar fluir a substância excessiva e reequilibrar os fluídos no corpo. Os irmãos que empreendiam tais práticas podiam ser comparados, como dissemos, aos barbeiros que emergiam da *arraia miúda* para empreender um ofício que as frágeis mãos dos médicos universitários não podiam empreender.

A clientela dos jesuítas constituía-se não só de gente da terra, muitos portugueses, servos e livres, como atestava ainda o precioso epistolário Anchietano, tinham suas carnes talhadas

---

<sup>34</sup> Trecho de uma carta de Anchieta mencionado por Vitorino Nemésio sem nos dar a referência precisa. Apud NEMÉSIO, Vitorino. *O Campo de São Paulo – A Companhia de Jesus e o plano português do Brasil (1528-1563)*. Lisboa: s.n., 1954, p. 377. Este trecho é certamente uma variação do trecho a seguir: *Neste tempo que estive em Piratininga servi de médico e barbeiro, curando e sangrando a muitos daqueles Índios, dos quais viveram alguns de quem se não esperava vida, por serem mortos muitas daquelas enfermidades*. In: ANCHIETA, José de, *Cartas Jesuíticas 3 - Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1988, p. 73.

<sup>35</sup> Op. cit., p. 183.

pelas lâminas dos jesuítas. Dizia ele que:

*Acudindo a todo genero de pessoa, Português e Brasil, servo e livre, assim em as cousas espirituais como em as corporais, curando-os e **sangrando-os**, porque não há outro que o faça, e principalmente as **sangrias** são aqui mui necessárias, porque é mui sujeita esta terra a priorises, maximè em os naturais dela, quando o sol torna a declinar para o Norte, que é em o mês de Dezembro, e daí por deante, e se não acudissemos com sangrias, não havia dúvida se não pereceriam muitos, assim com isto temos melhor entrada com eles para lhes dar a entender o que toca á saude de suas almas.*<sup>36</sup>

A frequência com que praticavam essas atividades era grande. A sangria que os jesuítas praticavam nos seus pacientes era feita de modo muito peculiar: eles esfolavam as pernas de seus pacientes, arrancando-lhes as peles corruptas, e depois lavavam a carne viva com água quente. Este método se acha descrito no trecho do epistolário anchietano a seguir,

*Assás de trabalho e ocupação tive ali, como sempre, acudindo a todos, **sangrando** dez, doze cada dia, que esta é a melhor medicina que achamos para aquela enfermidade, e era necessário correr suas casas cada dia uma ou mais vezes, a buscar deles que, ainda que passeis por suas casas, se não a revolveis toda e perguntais por cada pessoa em particular, não vos hão de dizer que estão enfermos. (...) A outros que daquele pestilencial mal estavam mui mal e **esfolei parte das pernas e quasi todos os pés, cortando-lhes a pele corrupta com uma tesoura, ficando em carne viva, cousa lastimosa de ver, e lavando-lhes aquela corrupção com agua quente, com o que pola bondade do Senhor sararam; de um em especial se me recorda que com as grandes dôres não fazia senão gritar, e gastando já todo o corpo estava em ponto de morte, sem saber seus pais que lhe fazer, sinão chorar-lhe, o qual, como **lhe cortámos com uma tesoura toda aquela corrupção dos pés, e os deixámos esfolados**, logo começou a se dar bem e cobrou a saúde.***<sup>37</sup>

Essas práticas médicas eram já antigas e tiradas das mesmas fontes de estudo utilizadas pelos barbeiros e cirurgiões das corporações. Seria interessante se conseguíssemos ter informações mais precisas acerca do lugar onde estes jesuítas aprendiam esses ofícios para constituir uma base para análise da tradição cirúrgica na qual estavam inseridos. Os livros de cirurgia usados nas práticas cirúrgicas neste período são ainda bastante desconhecidos.

## Farmácia

Desde a fundação dos colégios, funcionavam as boticas jesuíticas. Tendo como modelo a botica do Colégio Romano, que, por sua vez, se inspirava nas boticas da mesma cidade, as boticas do Brasil contaram com grandes e memoráveis boticários. O maior e mais importante

---

<sup>36</sup> Idem, p. 189. Neste trecho vê-se também o conhecimento metereológico-astronômico associado à medicina que possuía Anchieta, provavelmente derivado do *Aere, aquis et locis* de Hipócrates.

<sup>37</sup> Idem, pp. 249-250.



deles foi o mestre boticário Manuel Tristão que trabalhou na botica do Colégio da Bahia desde a sua fundação. Nós o utilizamos aqui como modelo de boticário deste período.

Manuel Tristão era originário dos Açores, Ilha de Faial. Entrou na ordem em 1568 com 22 anos. Chegou ao Brasil como irmão coadjutor em 1584. Trabalhou em diversas casas e em 1598, quando Fernão Cardim embarcou para Portugal, ele estava no Colégio da Bahia e era já há muitos anos enfermeiro. Em 1621, ele ainda estava vivo no Colégio de Pernambuco, *velhinho e trêmulo*, com 75 anos de idade.

Quando Cardim foi a Portugal, seu navio foi abordado por piratas ingleses e todos os seus manuscritos com as suas cartas ânuas, foram roubados. No final desse conjunto de manuscritos achavam-se algumas receitas do Irmão Tristão. A carta ânua de Cardim ao geral da ordem, conhecida hodiernamente como os *Tratados da terra e gente do Brasil*, de grande interesse informativo, foi publicada por Samuel Purchas no *Hakluytus Posthumus* e foi atribuída exatamente ao irmão Tristão por estar a sua assinatura no final do manuscrito<sup>38</sup>.

Esses documentos de medicina, que Serafim Leite chama de *Colecção de receitas medicinais*, infelizmente não foram publicados nem por Purchas nem por Capistrano de Abreu nem por ninguém. Eles se acham até hoje perdidos em algum arquivo ou biblioteca europeu. Provavelmente estes manuscritos estão em algum arquivo inglês onde se encontram os espólios roubados ao p. Cardim.

As fontes e indícios para o estudo da cultura farmacêutica dos jesuítas desse período é escassa no Brasil. O que podemos dizer, com base na cultura da época, é que a farmacologia da época era dominada pelos *modus operandi* galênico, o que nos permite dizer que aquela de Tristão era provavelmente baseada naquela cultura. As boticas da época serviam-se de edições do *De simplicibus* e do *De methodi medendi* de Galêno, do *De materia medica* de Dioscórides e de ampla tradição empírica. Tristão estava provavelmente embebido dessa cultura e, como o padre Cardim, devia também conhecer as novidades trazidas por Nicolau Monardes e Garcia de Orta ao cenário farmacêutico internacional.

Na época de Tristão inicia-se a febre dos estudos dos novos simples, o que deve ter motivado bastante ao padre boticário para estudar os simples oriundos da fauna e flora brasileiras para formulação de novas receitas adaptadas aos trópicos, como ficaria mais evidente mais tarde, nos séculos XVII e XVIII, como testemunha a *Collecção de Várias receitas* de 1766.

## **Medicina de Padre II (Séculos XVII e XVIII (até 1759)): *Farmacologia galênica e Iatroquímica*.**

### Cirurgia

Nesta época, as coisas pareciam ter mudado bastante de figura. A constante urbanização das cidades brasileiras do século XVI levou, pouco a pouco, à sofisticação da cultura no Brasil. No século XVII, as bibliotecas dos colégios da Companhia estavam já bem mais bem guarnecidas e os jesuítas tinham maior acesso às novidades da medicina, farmácia e cirurgia portuguesas e europeias.

Neste período, os jesuítas continuavam a sua prática flebotômica, contudo, ao contrario do século XVI, nós podemos vislumbrar com muito mais detalhes e indícios as fontes da cultura cirúrgica dos jesuítas.

---

<sup>38</sup> A autoria do manuscrito em questão foi atribuída a Fernão Cardim por Capistrano de Abreu na primeira edição do *Tratados da terra e gente do Brasil*, Rio de Janeiro, J. Leite e cia., 1925.

Por um lado, com base no estudo das referências bibliográficas tiradas dos documentos jesuíticos, nós fomos capazes de avançar no conhecimento da questão. Sabemos agora que na biblioteca da Casa da Vigia no Pará havia dois livros de cirurgia. Estes eram a *Luz de Cirurgia* de Antônio Ferreira e a *Recopilação de cirurgia* de Alonso Román de Cordoba.

Estas obras, do português Ferreira e a do espanhol Alonso Román, compilavam todo o conhecimento cirúrgico que se tinha em Europa, compilava ainda a tradição antiga frente a tradição nova fazendo com que servissem como sínteses de cirurgia à mão dos intelectuais jesuítas. Estas duas obras descreviam com detalhamento os métodos cirúrgicos e em especial as técnicas de sangria. Falavam dos procedimentos, dos instrumentos além de oferecer rudimentos da anatomia e fisiologia humanos.

Estes livros não traziam, contudo, imagens ilustrativas das informações anatômicas e dos processos ali explicados. O conhecimento era todo descrito em palavras. Entretanto, fomos capazes de encontrar, na *Collecção de várias receitas* (1766), uma bela imagem anatômica utilizada pelos padres para *visualizar* o sistema venoso e esquematizar os possíveis pontos de aplicação de sangria.



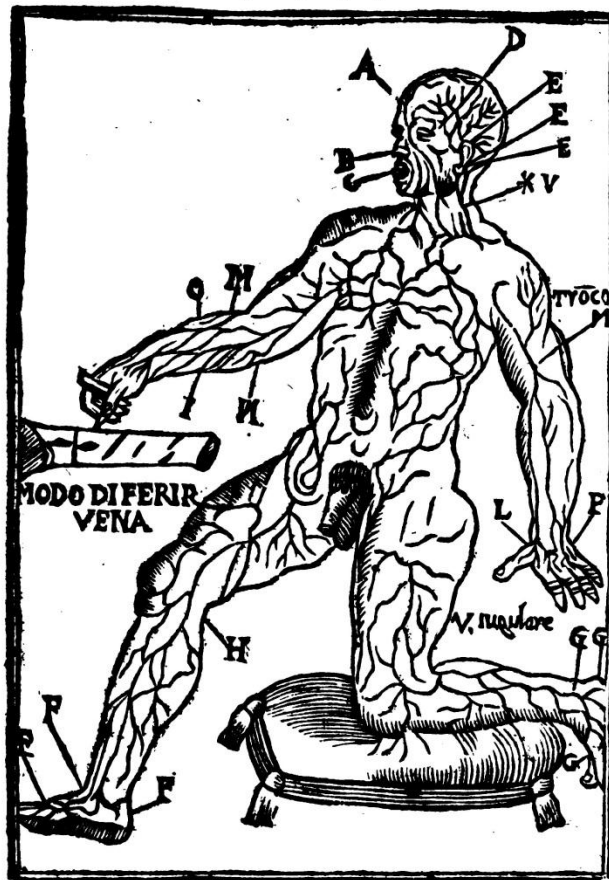
Apud RIBEIRO, Lourival. *Medicina no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: 1971, entre as págs. 168-169.

Esta imagem representando o corpo humano mostra a desenvoltura do conhecimento cirúrgico dos jesuítas mas não somente isso. Olhando mais de perto a imagem, fomos capazes de identificar a matriz pictórica usada naquele esquema e agregar às referências médicas empregadas pelos jesuítas mais uma bibliografia. Na obra *Prattica nuova, et utilissima di tutto quello, ch'al diligente barbiero s'appartiene* do barbeiro italiano Cinzio d'Amato, fomos

capazes de identificar a matriz da imagem usada pelos jesuítas para compor seu esquema anatômico. A imagem é sem dúvida a matriz iconográfica daquela dos jesuítas que é indubitavelmente mais detalhada e ao contrário daquela de d'Amato e não apresenta a genitália masculina representada. É como se a representação da genitália masculina tivesse sido cortada ou tapada da imagem original. Esse detalhamento vai de consonância com a estrita observância moral dos padres da ordem.

Além disso, nota-se, pela observação das imagens, que os jesuítas tinham conhecimento de quantidade mais numerosa de pontos de sangria do que possuía Cinzio d'Amato. Eis a imagem da representação do cirurgião italiano:

Figura nella quale si mostrano i luoghi, e Vene, quale s'apreno con ferro, e senza.



A. Nella fronte . B. Dentro le narice . C. Sotto la lingua, e labros.  
D. Nelle tempie . E. Dieto l'orechie . F. Della Madre . G. della  
Siatia . H. Sotto la piegatura della gamba . I. N. Del fegato . L. M.  
della testa . O. Commune . P. Saluatella.

In: Cinzio D'Amato. *Prattica Nuova et utilissima di tutto quello ch'al diligente barbiero s'appartiene...* Veneza: Brigna, 1669, p. 14.

Essas referências nos mostram a estreita ligação da *cirurgia dos irmãos* com a cirurgia levada a cabo pelos médicos e oficiais mecânicos europeus. Contudo, as matrizes culturais dos jesuítas não se apresentavam sendo oriundas de toda Europa, elas advinham uma geografia cultural muito específica: aquela de Portugal, Castela (península ibérica) e península itálica. A cultura dos jesuítas, como era de se esperar, vinha dos países dominados pela tradição da Reforma Católica.

## Farmácia

No tocante a cultura das boticas, e ao saber farmacológico em especial, as informações que possuímos acerca do tema em questão são, de longe, muito mais numerosas. O que nos permite conjecturar acerca do alto investimento cultural feito pelos padres neste ofício.

Desde o início do empreendimento colonial, como dissemos, os boticários dos colégios já estavam em contato com importantes bibliografias sobre o tema, como aquelas de Monardes, Clúcio (e Orta), as traduções vernáculas da obra de Dioscórides, como aquela de Andrés de Laguna e numerosas obras de história natural, como as de Plínio o velho, as de Oviedo e a importantíssima história natural de Piso. Nesse primeiro momento, como sugerimos em ponto anterior, os jesuítas construíram aqui as suas boticas e se puseram em contato com os simples do lugar. É bem provável que Monardes, Clusius e Orta os tenha inspirado ou guiado os jesuítas no conhecimento mais aprofundado da vida natural do país e na adoção dos elementos desta natureza em sua cultura farmacológica oriunda da tradição europeia.

O passo seguinte a esse *contato* foi a *atualização* da cultura farmacêutica com aquela europeia. Mais livros sobre o tema cruzaram o oceano atlântico para compor a tradição farmacêutica em construção. Nas bibliotecas, como aquelas da fazenda de Campos dos Goytacazes e aquela da Casa da Vigia, encontramos obras como o *Erário Mineral*<sup>39</sup> de Luís Gomes Ferreira, as *Pharmacopeas* de Nossa Senhora da Lapa (provavelmente um manuscrito) e a Lusitana, compilada, esta última, por D. Caetano de Santo Antônio e apresentando as maiores novidades europeias empregadas em Portugal. Além destes, as obras que se comportam como uma espécie de *leitura obrigatória* a todos os boticários jesuítas do final do século XVII e início do XVIII são aquelas três escritas pelo médico João Curvo Semedo.

Além dessas referências individuadas a partir do nosso estudo, o manuscrito *Collecção de várias receitas e segredos particulares das principaes boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macao e do Brazil* escrito para ser publicado e datado de 1766, que encontra-se no Arquivo Romanum Societatis Iesu de Roma<sup>40</sup>, é sem dúvida de inestimável valor para os estudos da farmacologia jesuítica no Brasil. Infelizmente este manuscrito ainda não se acha acessível, na íntegra, aos leitores brasileiros.

---

<sup>39</sup> O *Erário Mineral* também apresenta muitas informações importantes e cruciais para o estudo das práticas flebotômicas empregadas pelos barbeiros brasileiros e que tanto influenciaram a prática dos jesuítas.

<sup>40</sup> ARSI Opp. NN. 17.

COLLECCÃO  
DE  
VARIAS RECEITAS  
E  
SEGREDOS PARTICULARES  
DAS PRINCIPAES BOTICAS  
DA NOSSA COMPANHIA  
DE PORTUGAL,  
DA INDIA, DE MACÁO, E DO BRAZIL  
COMPOSTAS,  
e experimentadas pelos melhores  
MEDICOS, E BOTICARIOS  
MAIS CELEBRES  
que tem havido nessas partes.  
AUMENTADA  
com alguns indices, e noticias muito curiozas,  
e necessarias para a boa direcção,  
e acerto contra as  
enfermidades.



EM ROMA AN. M. DCCLXVI.  
com todas as licenças necessarias.

Coleção de Várias Receitas e Segredos Particulares das Principais Boticas... da Companhia de Jesus.  
Fotocópia da Fôlha de Rosto do Manuscrito existente no *Archivum Societatis Iesu Romanum*.

Apud RIBEIRO, Lourival. *Medicina no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: 1971, entre as págs. 176-177.

Neste manuscrito, compilado por um padre anônimo certamente ligado às boticas dos colégios do Brasil e de outros lugares do Império Português, estão descritas muitas receitas antigas & modernas, de autores leigos e outras inventadas por irmãos da Companhia de Jesus nos contextos coloniais. As receitas de autores leigos atestam as influências recebidas pelos padres de médicos europeus. Estes autores leigos inventores de medicamentos são João Cardoso de

Miranda, Jacob de Castro Sarmiento, Carlos Musitano, Adrian von Mynsicht e, mais uma vez, o incontornável João Curvo Semedo.

O índice das receitas contidas na *Collecção*, felizmente publicado por Serafim Leite<sup>41</sup>, mostra a variedade e quantidade de receitas de remédios empregados pelos jesuítas aos doentes desta terra e vendidos em suas boticas. Ali temos descrito a *Água anti-venérea de Madame Focquet* ao lado da *Água anti-venérea da Botica do Collegio do Recife*, inventada pelo cirurgião Manuel dos Santos. Temos também a *Água otálmica* da botica do Colégio do Recife inventada por um doutor europeu e a *Água de pérolas* dos médicos Carlos Musitano e Adriano Mynsicht (Chamado ali de *Aminzk*). Além disso, aparece no índice em questão, uma série vasta de *Águas, Balsamos, Conservas, Emplastros, Leites, Licores, Pílulas, Pós* e outras formas medicamentosas produzidas pelos jesuítas em seus colégios.

Destes remédios, até então secretos, a única receita disponibilizada por Serafim Leite, como sendo de grande importância, e de fato era, foi aquela da famosa e cobiçada *Triaga Brasileira*. Este medicamento conjugava em si conhecimentos europeus, uso de ingredientes da fauna e flora brasileiras e emprego de técnicas farmacêuticas até então inusitadas no cenário cultural ibérico<sup>42</sup>.

Essas *técnicas inusitadas* eram influenciadas pelas novas propostas do médico João Curvo Semedo. A recorrência a este médico nos documentos e estantes das bibliotecas dos colégios da Companhia de Jesus no Brasil atestam para a sua importância.

João Curvo Semedo (ou SEMMEDO) nasceu em Monforte no ano de 1635. Ele se instalou em Lisboa em 1647 com seu pai, que trabalhava com ferro, como seu avô. Estudou Artes (filosofia) no Colégio jesuíta de Santo Antão e Medicina na Universidade de Coimbra. Sua fama o faz *familiar do Santo Ofício, Médico do partido de sua Magestade* ou da Casa Real e *Cavaleiro professo da Ordem de Cristo*. A importância de Semedo reside no fato dele ter adentrado na importante discussão europeia sobre a medicina de Paracelso sendo a primeira porta de entrada (uma entrada bastante tardia!) da medicina alemã em terras lusas.

Semedo se apropriou da medicina paracelsista para trazer para o conhecimento médico as práticas laboratoriais (ou *Arte Espagírica*) que permitiam aos médicos e boticários *dissolver* ou *resolver* (*Dissolutio* e *Resolutio*) as substâncias complexas em substâncias simples. O que essa influência paracelsista faz na verdade é transformar por completo a vida das boticas europeias: a velha farmácia galênica, feita com a mistura de substâncias simples, agora é superada por uma farmácia que emprega partes de substâncias dissolvidas e alteradas em laboratório. Sai dessas práticas novas, os princípios que nortearão o surgimento da nova química. É muito provável que a invenção da cachaça no Brasil esteja associada à influência que a medicina de Semedo teve nestas terras.

Esta *tradição química* importada ao Brasil pelos livros de Semedo pode ser atestada pela análise dos espólios da Companhia quando de sua expulsão e na receitas da *Collecção*, e especialmente naquela da *Triaga Brasileira*. Como já dissemos, havia na botica do Colégio do Maranhão amplo instrumental de dissolução, numerosos instrumentos de laboratório.

Além disso, a receita da *Triaga Brasileira* apresentava a variação *Reformada*. Esta variação, proposta pelo irmão francês André da Costa, adicionava aos ingredientes da Triaga

---

<sup>41</sup> No final da obra *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil*.

<sup>42</sup> Ver sobre as tradições culturais contidas nesta importante receita: LEITE, Bruno Martins Boto. *Mezinhas antigas e modernas: A invenção da Triaga Brasileira pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial*. In: “Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia”. Sociedade Brasileira de História da Ciência. 2012. [link: [www.sbhic.org.br/resources/anais/10/1345053666\\_ARQUIVO\\_Mezinhasantigasmodernas.pdf](http://www.sbhic.org.br/resources/anais/10/1345053666_ARQUIVO_Mezinhasantigasmodernas.pdf) ]

brasileira inventada no Colégio da Bahia, alguns ingredientes químicos como os *Olios* e *Sais Químicos* (p.ex. *Olio de pindaíba* e *Sal de caroba*.).

A farmácia jesuítica dos colégios do Brasil nos séculos XVII e XVIII beneficiava-se da antiga tradição farmacêutica europeia, aquela galênica, dos aportes trazidos por boticários como Monardes e Orta, o que levou os jesuítas a melhor compreender a fauna e flora locais e, por outro lado, das inovações as mais recentes empreendidas no campo da farmácia.

## Conclusão

Afirmar que a medicina praticada pelos irmãos coadjutores da ordem no Brasil, e não pelos padres, era uma *farmácia* e uma *cirurgia* e que estas eram oriundas da tradição médica das classes populares na Europa é, antes de mais nada, fazer prova de um evento cultural bastante singular.

A *Medicina* dos padres da Companhia de Jesus no Brasil não pode ser tida como *Alta medicina* e portanto nem ser tratada como *Cultura erudita* de modo absoluto. Essa farmácia e cirurgia jesuítas eram tiradas pelos padres em sua formação num ambiente subalterno europeu bastante destoante do universo cultural das universidades e das instituições reguladoras da profissão médica, como o *Colégio dos Médicos*. O que os jesuítas trouxeram e implantaram no Brasil foi uma tradição popular europeia, tradição que se refez pela sua adaptação à fauna e flora locais.

Como podemos ver, nesta tradição subalterna, os livros tinham um importante papel pois era através deles, mas não somente, que a tradição permanecia viva e em muitos momentos dialogava com os altos cercos de cultura da época. Um exemplo disso pode ser tirado do impacto que obras de boticários como Nicolau Monardes e Garcia de Orta tiveram na tradição dominante, latina, da época. Outro exemplo se acha na importância que as práticas cirúrgicas, antes limitadas à tradição subalterna, foram ganhando nas obras médicas e no próprio ensino universitário da época.

A tradição farmacêutica e cirúrgica dos padres da província do Brasil teve um importante papel no provimento de itens necessários à prática da cura na sociedade colonial. O seu estudo mais aprofundado, com a análise das fontes empregadas por esses autores, nos permite compreender um traço incontornável da história da cultura científica no Brasil.

## Bibliografia

Fontes utilizadas neste trabalho presentes da Biblioteca Nacional

Manuscritas

- Carta de Manuel Gomes da Companhia de Jesus para outro padre residente em Lisboa. 2 setembro 1597.* (BN (Manuscritos): II-34, 9, 2)
- Carta do P. Antonio Rodrigues aos Irmãos, 31 março 1553* (BN (Manuscritos): I-48, 13, 50) [Carta em espanhol acerca das missões. Sem interesse!]
- Cartas de Leonardo Nunes, Azpilcueta Navarro e Vicente Rodrigues* (BN (Manuscritos): 50, 116)
- Cartas do Padre Manuel da Nóbrega* (BN (Manuscritos): II-31, 4, 8).



- Cartas jesuíticas – Livro do registro das cartas jesuíticas.* 1549-1568. 17 p. (BN (manuscritos): I-02, 06, 119)
- Cartas dos jesuítas.* 1550-1561. 199 p. (BN (manuscritos): 12, 2, 010)
- Cópia de uma carta do padre Pero Rodrigues provincial do Brazil da Companhia de Jesus para o padre João Álvares da mesma companhia, assistente do padre geral.* (BN (Manuscritos): I-31, 28, 53).
- Curiosidade. Um livro de medicina escrito pelos jesuítas das missões do Paraguai no ano de 1580.* 230 p. Consta na Lombada: “Botanica Medica” (BN (manuscritos): I-15, 02, 026).
- Documentos referentes à Companhia* (BN (Manuscritos): I-48, 13, 50).
- História da fundação dos colégios da Companhia de Jesus na Bahia e no Rio de Janeiro e suas residências, 6 maio 1899. Documento oferecido à BN por Capistrano de Abreu: publicado em 1897 no vol. XIX dos Anais da BN.* (BN (Manuscritos): 22, 2, 38)
- Livro de registro das cartas dos padres jesuítas da Companhia de Jesus sobre o Brasil, desde o ano de 1549 até o de 1568.* Rio de Janeiro: 1847, 121 p. (BN (manuscrito): 06, 3, 004)
- Livro de Tombo das Escripturas das couzas que pertencem ao collegio de S. Sebastiao da Companhia de Jesus do Rio de Janeiro.* 1568-1673. 178 doc., 550 páginas. (BN (manuscrito): 04, 02, 0070) (Microfilme: MS-493).
- Notícia da Fundação e descrição da casa central ou Colégio da Companhia de Jesus na cidade da Bahia* (BN (Manuscritos): II-33, 35, 6)
- Notícias referentes aos primeiros religiosos da Companhia de Jesus que vieram para o Brasil e fundaram nele Igrejas e Colégios* (BN (Manuscritos): II-30, 32, 16 n. 3)
- Receita geral dos bens sequestrados aos jesuítas da Companhia de Jesus pertencente ao governo do Estado da Bahia.* 1760-1762, (BN (manuscritos): 07, 2, 027) (Microfilme: MS-491(3))
- VASCONCELLOS, Simão de. *Notícias curiosas, e necessárias das coizas do Brasil* (BN (manuscritos): I-11, 01, 014 & 19, 1, 18)
- VIEIRA, Antônio. *Annua da Província do Brasil mandada a cidade de Roma ao Geral da Companhia de Jesus.* Lisboa: 1624-1625, 130 p. (BN (manuscritos): I-12, 02, 021).
- \_\_\_\_\_, *Cartas escritas ao rei sobre as missões de Maranhão e Pará,* 1653-1655, 86 p. (BN (manuscritos): 07, 4, 076)
- ANCHIETA, José de, *Letras quadrimestres de setembro até o fim de dezembro de 1556. Do Brasil e de Janeiro de 1557.* (BN (Manuscritos): Cofre 124 / Ms 455 np).
- \_\_\_\_\_, *Ânuo do provincial dos jesuítas. Cópia de ms. de Évora. (Anchieta, 1584).* (BN (Manuscritos): I-31, 25, 14)

#### Impressas

- CARDIM, Fernão. *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, etc. desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o p. Christovam de Gouvea.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1847 (BN (Obras Raras): 76, 1, 35)

- \_\_\_\_\_. *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias*. Rio de Janeiro: Typ. da Gazeta de Notícias, 1881 (BN (Obras Raras): 1881. II-90, 3, 6)
- \_\_\_\_\_. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Leite e cia., 1925 (BN (Obras Raras): 106, 1, 25)
- GALENO, Claudio. *Commentarii in artem medicam Galeni*. s.l.: s.n., 15—(BN: 42, 4, 10)
- \_\_\_\_\_. *De humoribus liber, nunquam antehac typis excusus*. Argentorati: Blasius Fabricius, 15-- (BN (Obras Raras): 127, 01, 09 n. 2)
- \_\_\_\_\_. *Liber de plenitude*. Paris: Apud Christianum Wechel, 1528 (BN: 31, 3, 8, n. 2)
- \_\_\_\_\_. *De morborum et symptomatum differentiis et causis libri sex*. Lyon: Excudebat summa diligentia Godefridus et Marcellus Beringi, fratres, 1547 (BN (Obras Raras): 211, 1, 24 n. 4)
- \_\_\_\_\_. *Ars medicinalis, Nicolao Leoniceno interprete*. Lyon: Apud Guliellmum Rouillium, 1549 (BN (Obras Raras): 211, 1, 24 n.1)
- \_\_\_\_\_. *De ossibus ad Tyrones liber, Ferdinando Balamio Siculo interprete*. Lyon: Apud Guliellmum Rouillium, 1549 (BN (Obras Raras): 211, 1, 24 n. 3 / [outra edição de 1630 – BN (Obras Raras): 229, 2, 10 n.6)
- \_\_\_\_\_. *De diebus decretoriis libri tres, Ioanne Guinterio Andernaco interprete*. Lyon: Apud Guliellmum Rouillium, 1550 (BN (Obras Raras): 211, 1, 24 n. 2)
- \_\_\_\_\_. *Opera ex sexta junctarum editione Ioannes Costaeus*. Veneza: Apud Iuntas, 1586 (BN (Obras Raras): 215, 5, 7-11)
- \_\_\_\_\_. *Opera*. Veneza: Apud Iuntas, 1597 (BN (Obras Raras): 240, 2, 9)
- \_\_\_\_\_. *Librorum: prima classis naturam corporis humani, septima hac nostra editione, locis hippocratis quos subinde citat Galenus in margine indicatus*. Veneza: Apud Iuntas, 1597 (BN (Obras Raras): 214, 6, 4-7)
- \_\_\_\_\_. *A natureza e a virtude dos alimentos*. Curitiba: ed. da UFPR, 1992 (BN: VI-36, 3, 5)
- HENRIQUES, Henrique Jorge. *De regimine cibi atque potus, et de caeterarum rerum non naturalium*. Salamanca: Excudebat Michael Serranus de Vargas, 1594 (BN (Obras Raras): 057E, 02, 12)
- HIPÓCRATES. *Aphorismi Hippocrati graece & latine: Una cum Galeni commentariis: Nicolao Leoniceno Vicentino Interprete. Necnon Ioan. Signoreti, Doct. Med. Excerpta Aphoristica, cum Symbola*. Lyon: Apud Guliellmum Rouillard, 1547 (BN: 4A, 1, 3 / [outra edição de 1668 – BN (Obras Raras): 4a, 1, 5)
- \_\_\_\_\_. *Les aphorismes d'Hippocrates, avec le commentaire de Galien sur le livre*. Rouen: Jean Osmont, 1606 (BN (Obras Raras): 75H, 1, 7)
- \_\_\_\_\_. *Hippocratis magni coaccae praenotiones. Opus admirabile in tres libros tributum. Interprete & enarratore Ludovico Durets, Segussano*. Paris: Ioannis Meiat, 1621 (BN (Obras Raras): 4a, 4, 7)
- \_\_\_\_\_. *Aphorismi graece & latine; Brevi Enarratione fidaque Interpretatione ita illustrati ut ab omnibus facile intelligi possint. Cum historiis observationibus cautionibus, e remediis selectis. A I. Huernio Ultraiect. Ed. Altera multa*

- emendatior*. Lugduni Batavorum: Apud Joannem Maire, 1638 (BN (Obras Raras): 4a, 2, 6)
- \_\_\_\_\_. *Las obras de Hippocrates mas selectas, con el texto griego y latino puesto en castellano por el Doctor Andrés Piquer*. Madrid: Joachin Ibarra, 1757 (BN (Obras Raras): 4a, 2, 5)
- \_\_\_\_\_. *Aphorismi, ad fidem veterum monumentorum castigati – latine versi a J. B. Lefebvre, D.M. Constantinopoli*. Paris: Apud Meguignon, 1782 (BN (Obras Raras): 4a, 1, 4)
- LAGUNA, Andrés de. *Epitome Galeni Pergameni Operum: in quatuor partes digesta, pulcherrima methodo universam illius viri doctrinam complectens, per Do. And. Lacunam collecta: Accesserunt ejusdem And. Lacunae annotationes in Galeni interpretes, quibus varii loci, in quos hactenus impegerunt lectores et explicatur [et] summa fide restituuntur, item de ponderibus [et] mensuris medicinalibus utilis commentarius*. Basileae: Per Thomam Guarinum, 1571 (BN : 42, 3, 8)
- \_\_\_\_\_. *Dioscórides Anazarbeo, a cerca de la materia medicinal, y de los venenos mortíferos – traducitos de lengua griega, en la vulgar castellana, e ilustrado con claras, y sustanciales anotaciones, y con figuras de innumerables plantas exquisitas, y raras, por el Doctor Andres de Laguna*. Valencia: Imprenta de Vicente Cabrera, 1677 (BN (Obras Raras): 217, 1, 9)
- LEONICENO, Nicolò. *De Plinii et aliorum medicorum erroribus liber*. Basileae: Excudebat Henricus Petrus, 1529 (BN (Obras Raras): 122, 4, 19)
- MIRANDA, João Cardoso de. *Relação cirurgica, e medica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbútica, ou mal de Loanda, e todos seus productos*. Lisboa: na officina de Manuel Soares, 1741.
- MONARDES, Nicolas. *Primera y segunda y tercera partes de la historia medicinal, de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales, que sirven Medicina*. Sevilla: En casa de Alonso Escrivano, 1574. (BN (Obras Raras): 42, 2, 15)
- \_\_\_\_\_. *Primera y segunda y tercera partes de la historia medicinal, de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales, que sirven Medicina*. Sevilla: En casa de Fernando Diaz, 1580 (BN (Obras Raras): 42, 1, 12)
- MUSITANO, Carlo. *Opera medica chymico-practica, seu trutina medico-chymica, in 3 partes divisa*. Coloniae Allobrogum: sumptibus Chouet, G. de Tournes, Cramer, Perachon, Ritter, et S. de Tournes, 1701.
- MYNSICHT, Adrian von. *Thesaurus et armamentarium medico-chymicum: in quo selectissimorum contra quosis morbos pharmacorum*. Genebra: apud Fratres de Tournes, 1697.
- NICANDRO. *Theriaca Nicandri Colophonii; Petro Jacobo Stere interprete & enarratore*. Valencia: Per Joannem Mey Flandrum, 1552 (BN (Obras Raras): W2, 1, 10)
- NIEREMBERG, Juan Eusebio. *Curiosa y oculta filosofia. Primera y segunda parte de las maravilhas de la naturaleza*. Madrid: Impr. Real, 1643 (BN (Obras Raras): 188, 2, 14)
- \_\_\_\_\_. *De la diferencia entre lo temporal y eterno*. Barcelona: Mercader, 1643 (BN (Obras Raras): 183, 1, 6)

- SANTO ANTONIO, D. Caetano de. *Pharmacopea Lusitana, methodo practico de preparar os medicamentos na forma galênica, com todas as receitas mais usuas*. Coimbra: por João Antunes, 1704 (BN (Obras Raras): 28, 6, 17)
- SARMENTO, Jacob de Castro. *Materia medica physico-historico-mechanica, Reyno Mineral: parte I: a que se juntam os principaes remedios do presente estado da materia medica*. Londres: s.n., 1735.
- SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea medicinal. Notícias galênicas, e chymicas, repartidas em tres Tratados; dedicados ao illustrissimo, e reverendissimo Senhor Luis de Sousa, Arcebispo de Lisboa*. Lisboa,: Miguel Deslandes, 1697 (BN (Obras Raras): 22, 6, 12 / [outra edição (1741): 21, 4bis, 14])
- \_\_\_\_\_. *Observações médicas doutrinaes de cem casos gravíssimos, que em serviço da patria, & das nações estranhas escreve em lingua portugueza, & latina Joam Curvo Semedo*. Lisboa: officina de Antonio Pedrozo Galram, 1707 (BN (Obras Raras): 22, 6, 13 / [outra edição (1741): 21, 4bis, 8])
- \_\_\_\_\_. *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte; fortificada e guarnecida com tantos defensores, quantos são os remedios, que no discurso de cincoenta & oito annos experimentou João Curvo Semedo*. Lisboa Occidental: Officina Ferreyrenciana, 1720 (BN (Obras Raras): 21, 4bis, 4)

#### Fontes de outras proveniências

- Cartas jesuíticas*. 3 vols. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- Collecção de Várias Receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da India, de Macau e do Brasil. Compostos e experimentados pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nessas partes. Aumentada com alguns índices, e notícias curiosas e necessárias para a boa direcção, e acerto contra as enfermidades*. Roma: 1766 [Archivus Societatis Iesu Romanum, Opera Nostrorum (Opp. NN.), 17]
- Colégios Jesuitas* (TT, documentação das capitanias do Brasil, livros 549-557 & 574-691)
- Receita e despesa dos bens e rendas confiscados dos colégios das cidades de Olinda, Recife, Ceará, Pernambuco, Paraíba em virtude do decreto de 23 de agosto de 1759, cumprido em 5 de dezembro de 1759* (TT, documentação das capitanias do Brasil, livros 574-621, data 1765-1779)
- SOARES, Francisco. *De algumas coisas mais notáveis do Brasil e de alguns costumes dos índios*. In: "Revista do Inst. Hist. Geog. Bras.". 1923, t. 94, volume 148, pp. 367- 402.
- VASCONCELLOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus no estado do Brasil e do que obraram os seus nesta parte do mundo*. Lisboa: 1663.

#### Obras Gerais

- Medicina Medievale* (Testi dell'Alto Medioevo – Miniature del codice di Kassel – Regole salutari salernitane – Incisioni del 'Fascicolo di medicina' – Anatomia di Mondino de' Liuzzi). Luigi Firpo (ed.). Turim: Unione Tipografico-Editrice Turinese, 1972.
- Penseurs grecs avant Socrate – De Thalès de Milet à Prodicos*. Paris : GF – Flammarion, 1964.
- ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria & Carlos A. Maia. *História da Ciência: o mapa do conhecimento*. São Paulo: Edusp, 1995.
- ANDRETTA, Elisa. *Roma medica. Anatomie d'un système médical au XVIe siècle*. Roma: École Française de Rome, 2011.
- ASSUNÇÃO, Paulo de. *Negócios jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos*. São Paulo: Ed. da USP, 2004.
- CALAINHO, Daniela Buono. *Os jesuítas e a medicina no Brasil colonial*. In: Tempo, n. 19, 2005, pp. 61-75.
- CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *L'harmonie du monde au XVI siècle – Essai sur la pensée d'Athanasius Kircher*. Tese de Doutorado. Paris IV. Paris: 1995.
- \_\_\_\_\_. "O Paraíso Proibido. A censura à Chronica de Simão de Vasconcelos em 1663". In: Luis Millones de Figueroa; Domingo Ledezma; (Org.). *El saber de los Jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*. Madri: 2005, pp. 109-132.
- CAROLINO, Luis Miguel & Carlos Ziller Camenietzki (org.). *Jesuítas ensino e ciência – séc. XVI-XVIII*. s.l.: Caleidoscópio, 2005.
- CAROLINO, Luís Miguel. *Ciência, Astrologia e Sociedade. A teoria da influência celeste em Portugal (1593-1755)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- CARVALHO, Joaquim de. *Obra Completa*. Lisboa: Calouste Gulbenkian,
- CAVALCANTI, Irineu. *Atuação dos jesuítas na formação do Brasil: crônicas 1549-1570*. Recife: s.ed., 1939.
- CIPOLLA, Carlo M. *Public health and the medical profession in the Renaissance*. Cambridge: 1976.
- DAINVILLE, François de. *L'éducation des jésuites: XVIe-XVIIe siècles*. Paris: Minuit, 1978.
- EDLER, Flávio Coelho. *Boticas e Farmácias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- FILHO, Lycurgo dos Santos. *História geral da medicina brasileira*. 2 vols. São Paulo: Hucitec, 1991.
- FLECK, Eliana Cristina D. *A morte no centro da vida: reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-75)*, In: "Hist. Ciênc. Saúde – Manguinhos", vol. 11, n. 3, Dezembro, 2004, pp. 635-660.
- \_\_\_\_\_. *Sobre feitiços e ritos: enfermidade e cura nas reduções jesuítico-guaranis (século 17)*, In: "Varia historia", vol. 21, n. 33, 2005, pp. 163-185.
- \_\_\_\_\_. *Circulação e produção de saberes e práticas científicas na América meridional no século XVIII: uma análise do manuscrito Materia Medica Misionera de Pedro Montenegro (1710)*. In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 19, n. 4, Rio de Janeiro: Out./Dez., 2012.

- GALENO, Cláudio. *Exhortation à l'étude de la Médecine – Art médical*. Paris : Belles Lettres, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Procedimenti anatomici*. 3 vols. Milão: BUR, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Méthode de traitement*. Paris: Gallimard, 2009.
- GESTEIRA, Heloisa. *A cura do corpo e a conversão da alma – conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII*. In: Revista Topoi. Rio de Janeiro: 7 letras, vol. 5, n. 8, jan.-jun., 2004, pp. 70-91.
- GOUVEIA, A. J. Andrade de. *Garcia d'Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo*. Lisboa: Biblioteca Breve/Instituto de cultura e língua portuguesa, 1985.
- HIPÓCRATES. *Oeuvres complètes*. 10 vols. traduction Eugène Littré. Paris : Chez J.B. Baillière, 1839-1861.
- \_\_\_\_\_. *Opere*. a cura di Mario Vegetti. Turim: Unione Tipografico-editrice torinese, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Du regime des maladies aiguës – Appendice – De l'aliment – De l'usage des liquides*. Paris: Belles Lettres, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Des lieux dans l'homme – Du système des glandes – Des fistules – Des hémorroïdes – De la vision – Des chairs – De la dentition*. Paris: Belles Lettres, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Arie acque luoghi*. Venezia: Marsilio, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Affections – Diseases I & II*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Natura della Donna*. Milão: BUR, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Du regime*. Paris: Belles Lettres, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Il giuramento e altri testi di medicina greca*. Milão: BUR, 2005.
- KATINIS, Teodoro. *Medicina e Filosofia in Marsilio Ficino – Il Consilio contro la Pestilentia*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2007.
- LEITE, Bruno Martins Boto. *Lire le livre du corps par le livre du monde – Essai sur la vie, philosophie et médecine de Estêvão Rodrigues de Castro (1559-1638)*. Tese de doutorado. Instituto Universitário Europeo. Fiesole: 2012.
- \_\_\_\_\_. *Entre bibliotecas e boticas: A controvérsia dos simples entre Amato Lusitano e Pietro Andrea Mattioli, século XVI*. In: “Di buon affetto e commercio. Relações luso-italianas na Idade Moderna”. Lisboa: CHAM, 2012, pp. 113-142.
- \_\_\_\_\_. *Mezinhas antigas e modernas: A invenção da Triaga Brasília pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial*. In: “Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia”. Sociedade Brasileira de História da Ciência. 2012. [link: [www.sbhc.org.br/resources/anais/10/1345053666\\_ARQUIVO\\_Mezinhasantigasemodernas.pdf](http://www.sbhc.org.br/resources/anais/10/1345053666_ARQUIVO_Mezinhasantigasemodernas.pdf) ]
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 vols. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Artes e ofícios da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Brotéria, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. 3 vols. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade, 1954.
- LOBO, Francisco Bruno. *O ensino da Medicina no Rio de Janeiro*. 5 vols. Rio de Janeiro: s.n., 1964.

- OLMI, Giuseppe. *Farmacopea antica e medicina moderna – La disputa sulla Teriaca nel Cinquecento bolognese*. In: “Physis – Rivista internazionale di storia della scienza. XIX. 1977, pp. 197-247.
- \_\_\_\_\_. *Il farmaco principe: la Teriaca*. In: “Il farmaco nei tempi – antichi farmachi”. Parma: Farmitalia Carlo Erba, 1990.
- PALMER, Richard. *Physicians and the state in post-medieval Italy*. In: “The town and the state Physician in Europe from the Middle Ages to the Enlightenment”. Hamburgo: Herzog August Bibliothek, 1981, pp. 47-61.
- PASTORE, Alessandro. *Il medico in tribunale – La perizia medica nella procedura penale d'antico regime (secoli XVI-XVIII)*. Bellinzona: Edizioni Casagrande, 2004.
- PASTORE, Alessandro & Enrico Peruzzi (org.). *Girolamo Fracastoro – fra medicina, filosofia e scienze della natura*. Florença: Leo S. Olschki, 2006.
- PRAÇA, Lopes. *História da filosofia em Portugal*. Lisboa: Guimarães editores, 1988.
- RIBEIRO, Lourival. *Medicina no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: 1971.
- PLÍNIO, o velho. *Histoire Naturelle*. 36 tomos. Paris : Belles Lettres, 1950-1983.
- PIMENTA, Tânia Salgado. *Artes de curar – um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-mor no Brasil no começo do século XIX*. Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de Mestrado. 1997.
- RODRIGUES, Francisco. *A formação intelectual do jesuíta*. Porto: 1917.
- ROSSI, Paolo. *Os filósofos e as máquinas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- RUSSELL, Andrew W. *The Town and State Physician in Europe from Middle Ages to the Enlightenment*. Wolfenbüttel: Herzog August Bibliothek, 1981.
- NEMÉSIO, Vitorino. *O campo de São Paulo: a Companhia de Jesus e o plano português do Brasil*. Lisboa: Secretária de Estado da Informação e Turismo, 1971.
- SOUSA, A. Tavares de. *Curso de História da Medicina: das origens aos fins do século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- TEIXEIRA, Alessandra dos Santos. *A farmacopéia jesuítica na América Portuguesa entre os séculos XVII e início do XVIII*, dissertação de mestrado, UFRJ/IFCS, 2011.
- TEMKIM, Owsei. *Galenism – Rise and Decline of a Medical Philosophy*. Londres: Cornell University Press, 1973.
- ZERON, Carlos Alberto. *Linha de fé: a Companhia de Jesus e a escravidão no processo de formação da sociedade colonial (Brasil, século XVI e XVII)*. São Paulo: Edusp, 2011.